

A 33. 2 fevereiro 1960
Liahona





A PRIMEIRA
PRESIDENCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
CONSELHO
DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
COMITE DE
SUPERVISÃO
M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee

EXECUTIVO DO
INTERNATIONAL
MAGAZINE

M. Russell Ballard
Editor;
Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Connie Wilcox
Seção Infantil
Roger Gylling,
Desenhista

EXECUTIVO DA
«A LIAHONA»
Danilo Talansky,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

Fevereiro

BPMA0427PO
S. Paulo, Brasil

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

- 1 Mensagem da Primeira Presidência:
Servi ao Senhor Hoje, Presidente Marion G. Romney
- 3 **Conhecer a Cristo**, David A. Whetten
- 7 **O Assunto Primordial da Vida**, Elder Sterling W. Sill
- 8 **A Tradução — Com Uma Pequena Ajuda de Nossos Computadores**
- 10 **Mais Alto do que Todos os Outros**, Elder Marion D. Hanks
- 14 **Meus Filhos — Meus Amigos**, Jay M. Todd
- 16 **Perguntas e Respostas**, Dr. Clifford J. Stratton
- 18 **Trabalho**, Homer G. Ellsworth
- 21 **De Proveito para Outros**, Scott Snow
- 22 **O Dia em que Empurrei um Táxi**, Elder Jacob de Jager
- 24 **Enfoque Missionário: Um Ônibus Cheio de Estranhos**, Elise Richins
- 28 **A Qualquer Custo, Guardem os Mandamentos**, Elder Gene R. Cook
- 30 **Clássicos dos Profetas dos Últimos Dias: A Revelação e Você**, Presidente Harold B. Lee

SEÇÃO INFANTIL:

- 1 Mensagem da Primeira Presidência:
Relatar ao Pai, Presidente N. Eldon Tanner
- 2 **Carlos Encontra a Fé**, Lois Sprunt
- 4 **Dois Amigos**, Cláudia G. Remington
- 8 **Só para Divertir**

Notícias Locais

- I **Mais um Representante Regional no Brasil**
- II **Festa de Natal**
- III **O Exemplo de Um Líder**
- IV **Pintura Também é Destaque**
- VI **Calendário do Templo de São Paulo**

CAPAS: Heber C. Kimball inicia a obra em Preston, Inglaterra, quadro a óleo de Richard Murray, coleção do Departamento Histórico da Igreja, 1978.

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP*. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 50,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 5,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linolettra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeubá, 331, tel. 276 8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Servi ao Senhor Hoje

Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Meu objetivo nesta mensagem é o de incentivar o leitor a aceitar o desafio e imitar o compromisso pessoal de Josué, quando disse aos filhos de Israel:

“Temei ao Senhor e servi-o com sinceridade; e deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais além do rio e no Egito, e servi ao Senhor.

“...escolhei hoje a quem sirvais: se os deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do rio, ou os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais: porém eu e minha casa serviremos ao Senhor.” (Josué: 24:14-15.)

É impossível acentuar devidamente o significado dos dois pontos destacados por Josué em sua magistral declaração: primeiro, servir ao Senhor; e segundo, fazê-lo agora, “hoje”. Pensar no encargo e compromisso de Josué, faz com que nos lembremos da grande declaração de Amuleque:

“Pois eis que esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus; sim, eis que o dia desta vida é o dia para os homens executarem os seus labores.

“...peço-vos, portanto, que não deixeis o dia do arrependimento para o fim; porque depois deste dia de vida, que nos é dado para nos prepararmos para a eternidade, eis que se não aproveitarmos nosso tempo, então virá a noite tenebrosa, durante a qual nenhum labor poderá ser executado.

“Não podereis dizer, quando fordes levados a essa terrível crise: Eu me arrependerei para que possa retornar a meu Deus. Não, não podereis dizer isso; porque o mesmo espírito que possuir vossos corpos quando deixardes esta vida, terá forças para possuir vossos corpos naquele mundo eterno.

“Porque, se protelardes o dia do vosso arrependimento para o dia da vossa morte, eis que vos tereis submetido ao espírito do diabo, que vos selará como coisa sua; portanto, o Espírito do Senhor se apartou de vós, e não tem lugar em vós, ao passo que o diabo terá sobre vós toda a força; é este o estado final dos ímpios.” (Al. 34:32-25.)

Conforme registrado em seu décimo-segundo capítulo, Alma revela o fundamento para a declaração de Amuleque de que “esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus.” Ele indica que a vida mortal foi dada a nossos primeiros pais, Adão e Eva, e nos foi estendida como um “estado de provação; um tempo de preparação para o encontro com Deus; um tempo de preparação para aquele estado sem fim... que virá depois da ressurreição dos mortos.” (Al. 12:24.)

Ele explica que o plano redentor ensinado a Adão, e também a nós, permite a ele e a cada um de nós, através do arrependimento e de viver o evangelho, sermos readmitidos na presença de Deus.

Falando sobre os homens, Alma disse que "Deus chamou os homens, em nome de seu Filho (sendo este o plano de redenção que foi estabelecido), dizendo: Se vos arrependerdes e não endurecerdes vossos corações, então terei misericórdia de vós, por intermédio de meu Filho Unigênito.

"Portanto, todo aquele que se arrepender, e não endurecer seu coração, terá direito à misericórdia, por intermédio de meu Filho Unigênito para a remissão de seus pecados; e estes entrarão no meu descanso.

"E qualquer que endureça seu coração e pratique iniquidade, eis que juro na minha ira que não entrará no meu descanso." (Al. 12:32-35.) Seja qual for nossa idade, é vital que cada um de nós aja agora e diariamente.

Alma exortou seu filho Helamã a que decidisse em sua juventude.

"Oh, lembra-te, meu filho", disse ele, "e aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua juventude a guardar os mandamentos de Deus!

"Sim, e roga a Deus todo o seu apoio; sim, que todos os teus feitos sejam no Senhor, e aonde quer que fores, que o seja no Senhor; sim, que os teus pensamentos sejam dirigidos ao Senhor, sim, que o afeto do teu coração seja posto no Senhor para sempre.

"Aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer e ele te dirigirá para o bem; sim, quando te deitares, à noite, repousa no Senhor, que ele velará por ti em teu sono; e quando te levatares, pela manhã, tem o teu coração cheio de agradecimento a Deus; e se assim procederes serás elevado no último dia." (Al. 37:35-37.)

Alma disse uma grande verdade a seu filho, Coriãton:

"Não penses que serás restaurado do pecado para a felicidade, em vista do que foi explicado acerca da restauração. Eis que te digo que a iniquidade nunca foi felicidade." (Al. 41:10.)

O caminho certo para a paz e felicidade nesta existência e na vida futura é servir ao Senhor hoje e diariamente.

A maneira como os outros me tratam dependerá do estado mental em que me apresento diante deles...

Se penso que os outros são superiores a mim, eles me tratarão com arrogância.

Se tenho confiança em mim mesmo, despertarei confiança nos que me rodeiam.

Se me sinto rebaixado, os outros me pisotearão.

Se me mostro mal-humorado e mordaz, me atarão.

Se sou amável e cortez, receberei amabilidade e cortesia.

Se me deixaram só, é porque eu afastei os outros.

Eu sou o ceifador... e sei qual será a colheita, porque fui eu quem selecionou e plantou as sementes.

Se me sinto amargo por dentro é porque deixei passar as doçuras da vida.

Autor Anônimo

Mais cedo ou mais tarde, toda pessoa que já viveu sobre a terra receberá um conhecimento da divindade de Jesus Cristo. As escrituras nos dizem que, quando ele vier pela segunda vez, os sinais de sua divindade serão tão assombrosos que “todo joelho se curvará, e toda língua confessará” que Jesus é o Cristo. (D&C 88:104.)

Mas, apenas saber a respeito dele não é o suficiente. O conhecimento que salva vem de nossos esforços pessoais para desenvolver um estreito relacionamento com

o Senhor através da prece e da meditação.

O Salvador declarou: “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (João 17:3.) Notem o enunciado. Obtemos vida eterna conhecendo a Deus e Jesus Cristo, e não sabendo algumas coisas a seu respeito. Parece-me existir uma grande diferença entre esses dois tipos de conhecimento.

“O maior e mais importante de todos os requisitos de nosso Pai dos céus e de

Conhecer a Cristo

David A. Whetten



seu Filho Jesus Cristo”, disse Brigham Young, “é... crer em Jesus Cristo, reconhecer que ele é nosso Salvador, procurar nos achegarmos a ele, apegarmo-nos a ele, tornarmo-nos seus amigos. Fazer o que for necessário para iniciar com ele uma comunicação e mantê-la aberta.” (*Journal of Discourses* 8:339.)

Acho que me interesse em conhecer pessoalmente a alguém, se o que me disseram a seu respeito ou aquilo que nele observei indicar que nosso relacionamento será compensador. Quatro atributos de Jesus — indicados através de seu trato com os outros — indicaram-me que o Senhor é alguém cuja amizade devo procurar e desenvolver diligentemente.

O primeiro atributo é o conhecimento que o Salvador tem de cada um de nós. Por conhecer os desejos do coração das pessoas e suas qualidades espirituais mais interiores, ele freqüentemente ajudava as desprezadas vítimas do desdém de seus semelhantes. Ao escolher os que comporiam o primeiro Quorum dos Doze Apóstolos, Jesus não foi aos lares da nobreza, ou às imponentes câmaras do Sinédrio, mas dirigiu-se aos simples barcos de pesca ao longo da praia e à banca de um desprezado coletor de impostos.

Ouçam as palavras do Senhor a uma congregação, há apenas 150 anos atrás, em 1831, conforme se encontra registrada em Doutrina e Convênios:

“Ouvi e atendei, ó élderes da minha igreja, que vos reunistes, cujas orações ouvi, cujos corações conheço, e cujos desejos chegaram a mim.

“Eis que os meus olhos estão sobre vós.” (D&C 67:1-2.)

Observem também que na seção 5 de Doutrina e Convênios, o Senhor se refere a “meu servo Martin Harris.” (D&C 5:1.) Ele sabia o seu nome! Sabia também os nomes de John Whitmer, conforme registrado na seção 15, e de Frederick G. Williams, na seção 93. Na realidade, o Senhor deu instruções específicas a mais de sessenta e cinco pessoas, em revela-

ções registradas naquele livro de escritura.

Estou convencido de que o Senhor está atento a cada um de nós. Já senti sua influência sustentadora em muitas ocasiões, durante provações em minha vida. Fosse experimentando medo depois de um doloroso ferimento no joelho, quando no campo missionário; a solidão durante uma traumática separação de minha família, para servir no Vietnã; ou um medonho, profundo entorpecimento depois da morte de uma companheira querida, não encontrei nenhum bálsamo tão confortador quanto a doce, pacífica e consoladora segurança que advém dos sussurros divinos: “Sossegue”, “Tenha calma”, “Estou aqui”, “Eu sei.”

Uma segunda característica do Salvador é sua capacidade de ter empatia por todas as nossas dificuldades e provações. O Salvador sabe como é ser tentado, atormentado, ter medo, ser ridicularizado e ofendido; e, conseqüentemente, tem grande solidariedade para com os outros.

Sabemos que ele experimentou aquilo a que alguns se referiram como a forma mais intensa de sofrimento humano — a solidão. Fico profundamente emocionado por esta declaração do Salvador, próximo ao fim de sua vida: “Eis que chega a hora, e já se aproxima, em que vós se-reis dispersos cada um para sua parte, e me deixareis só; mas não estou só, porque o Pai está comigo.” (João 16:32.)

Sabemos que o Salvador não apenas experimentou o desprezo e a solidão, mas também as tentações. Paulo escreve que o Salvador “como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” (Heb. 4:15.) Como é que isto afeta nosso relacionamento com o Salvador? Paulo responde: “Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados.” (Heb. 2:18.)

A vida de Jesus preparou-o para que se compadecesse dos outros.

Certa vez, depois de pregar um longo sermão, disse a seus discípulos: “Não quero despedi-la (à multidão) em jejum, para que não desfaleça no caminho” (Mat.

15:32), e prosseguiu, alimentando miraculosamente 4.000 pessoas com sete pães “e uns poucos de peixinhos”, demonstrando sua preocupação para com suas necessidades tanto físicas como espirituais.

Sua grande compaixão por nós pode ser uma fonte de conforto, quando somos tentados e imaginamos se somos dignos de seu grande amor e crédito. Suas palavras aos primeiros membros da Igreja sempre redobram minha confiança.

“Vede e atendei, ó líderes da minha igreja... (conheço) as fraquezas dos homens e (sei) como socorrer aos tentados.

“Pois na verdade vos digo, ...eu terei compaixão de vós.

“Há entre vós alguns que pecaram; mas na verdade digo que, ...serei misericordioso para convosco.” (D&C 62:1; 64:2-4.)

O falecido Elder Hugh B. Brown, do Conselho dos Doze, disse: “Com muita frequência, tenho sentido que posso estender minha mão e segurar a mão de Deus. Ele tem estado tão perto, tão benévolo e desejoso de responder à minha solicitação, ajudando-me a atravessar os lugares íngremes.” (Church News, 6 de dezembro de 1975, p. 3.) Ao testemunho de Elder Brown, acrescento o meu de que: nas palavras da grande profecia de Isaías, nasceu um menino que se tornou “maravilhoso” e “conselheiro.” (Isaías 9:6.)

Uma terceira característica que deve motivar-nos a chegar mais perto do Salvador é seu amor profundo, constante e perfeito por nós. A maior evidência de seu amor foi sua vontade de morrer por nós. Compreendendo o significado de um homem voluntariar-se para sofrer grandes dores, a fim de que seus irmãos e irmãs não tivessem que sofrer dor semelhante, Paulo exclamou:

“Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir,

“Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá

“O maior e mais importante de todos os requisitos de nosso Pai dos céus e de seu Filho Jesus Cristo é... crer em Jesus Cristo, reconhecer que ele é nosso Salvador, procurar nos achegarmos a ele, apegarmo-nos a ele, tornarmo-nos seus amigos.”

Brigham Young

separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.” (Romanos 8:38-39.)

Que poderoso testemunho da vontade de Cristo de pagar qualquer preço para ajudar-nos na busca da felicidade eterna! Realmente, a essência da divindade é o desejo de sacrificar-se pelo bem dos outros. Como somos afortunados de que, em um mundo governado pela norma de “olho por olho”, Cristo estivesse desejoso de ser crucificado por nós, independentemente de nosso reconhecimento pessoal por esse sacrifício.

Uma quarta característica é aquela que o separa de todos os outros: seu poder divino. Cristo não só está profundamente interessado em nosso desenvolvimento pessoal, mas também tem o poder de fazer algo a respeito — tem o poder de modificar vidas. Sem dúvida já lemos narrações de como o Senhor transformou literalmente as pessoas quase que da noite para o dia, como por exemplo, Paulo e Alma. Mas, quase sempre, os exemplos pequenos, discretos e cotidianos do milagre da conversão são mais fáceis de serem relacionados.

Uma de minhas experiências missionárias mais memoráveis deu-se no porão frio e úmido onde vivia um não-membro em Edmonton, Canadá. Meu companheiro e eu estávamos tentando ajudar aquele homem que fumara muito, durante toda a vida, a viver a Palavra de Sabedoria, e ele nos havia chamado à sua humilde residência, a fim de admitir sua derrota. Disse: “Fiz todos os esforços humanos possíveis e simplesmente não posso deixar

de fumar. Sei que o evangelho é verdadeiro e quero ser batizado, mas nunca serei capaz de sobrepujar este hábito.”

Nossa resposta a este homem vencido foi: “Não desista. Você pode deixar de fumar, porque existe um poder sobre-humano que lhe pode fornecer a força e a coragem de que precisa.”

Pedimos-lhe que lesse estas palavras confortadoras e tranquilizantes de Paulo: “Não veio sobre nós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” (1 Coríntios 10:13.)

Ajoelhamo-nos, então, com ele e pedimos ao Senhor que lhe desse a coragem e a determinação necessárias para colocar sua vida em ordem, a fim de que ele e sua família pudessem ser batizados. Que experiência edificadora de testemunho foi, para um jovem de dezenove anos de idade, testemunhar as mudanças na vida deste homem, à medida que o Espírito do Senhor magnificou sua força, ajudando-o a resistir à tentação e a viver os mandamentos de Deus!

Que poderoso amigo — este homem da Galiléia! Quem mais nos conhece tão intimamente, tem feito tanto para provar

seu amor por nós, demonstrado sua capacidade de compaixão e entendimento e tem também o poder divino de ajudar-nos a modificar nossa vida? Quem, portanto, deve ser mais procurado como nosso companheiro e amigo leal?

Sejamos suficientemente motivados pelo que temos ouvido a respeito de Cristo, para que desejemos desenvolver um profundo relacionamento pessoal com ele. Ao passarmos algum tempo com ele, através de poderosa prece e profunda meditação, obteremos um conhecimento pessoal do Deus que adoramos e compreenderemos que ele é, na verdade, nosso amigo mais querido.

Ao fazermos isso, começaremos a compreender como Paulo, verdadeiramente um dos amigos de Cristo, que declarou: “Tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas... para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições!” (Filipenses 3:8, 10.)

David A. Whetten, professor de comportamento organizacional na Universidade de Illinois, serve como bispo na Ala de Champaign, Estaca Campaign, Illinois, E.U.A.

O processo de arrependimento não é simplesmente ficar remoendo. Não é simplesmente ficar sentidos. É mais, mais até mesmo do que admitir os erros. Inclui uma obrigação de aperfeiçoarmos o passado, empregando as possibilidades presentes — para fazer um futuro melhor. E uma das mais desperdiçadas formas de viver-se uma existência, é deixar que a tristeza pelas coisas passadas ou pelo que foi mal administrado nos leve a um tipo cego de melancolia que diz: “Por não poder ter o que poderia, não viverei agradecido pelo que posso ter.”

Richard L. Evans

O Assunto Primordial da Vida

Se existe algo de que tenho certeza absoluta é que o assunto primordial da vida é ter sucesso. Seria completamente irracional que Deus nos criasse à sua própria imagem, nos desse sua própria forma pessoal, nos dotasse com essas mentes potencialmente magníficas, e desses fantásticos poderes físicos, e então esperasse que desperdiçássemos nossa vida no fracasso. Assim, estou certo disto: de que o maior desperdício deste mundo é vivermos, vocês e eu, abaixo do nível de nossas possibilidades.

O presidente da Igreja tem indicado que todos os seus membros devem ser missionários. Mas, até o dia de hoje, uma grande parte dos homens adultos da Igreja são apenas élderes em perspectiva. Alguns dos que fazem missão aumentam sua atividade religiosa durante dois anos e quando voltam reverterem às suas fraquezas anteriores.

O Senhor declarou que sua mensagem deve ser levada a toda nação, tribo, língua e povo e, no entanto, alguns de nós, que somos designados para esse chamado, ainda não a levamos além do muro, ao nosso vizinho, ou até a esquina da quadra em que moramos. Os mestres familiares são enviados para ensinar o evangelho aos membros; no entanto, freqüentemente limitamos nossa conversa com eles ao tempo ou à política, de maneira que sua vida continua em obscuridade e escuridão. É impossível transmitir uma mensagem espiritual sem termos um mensageiro espiritual. A mensagem tem pouco poder se a vida do mensageiro estiver cheia de preguiça, imoralidade, fraqueza, pecado e fracasso. Devemos insistir no sucesso em todos os campos de nossa vida.

O Senhor nos deu a maior fórmula para o sucesso já fornecida ao mundo, quando disse: “Há uma lei, irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos —

“E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia.” (D&C 130:20-21.) O Senhor deseja que cada um de nós seja um sucesso. Tudo o que precisamos fazer é encontrar a lei que governa o sucesso, e então prosseguir daí. Gostaria de indicar uma grande verdade: que a experiência mais emocionante é obter uma elevada classificação naquele importante empreendimento no qual o próprio Deus depende todo o seu tempo — a salvação da humanidade.



Élder Sterling W. Sill
Do Primeiro Quorum dos Setenta

Fato:

O Livro de Mórmon é publicado, atualmente, em menos de um por cento das línguas do mundo.

Fato: De acordo com uma estimativa, são necessários de quatro a dez anos para traduzir o Livro de Mórmon, cerca de cinco anos para traduzir quinze panfletos e as palestras missionárias.

Fato: Se traduzirmos o Livro de Mórmon em quatro novas línguas por ano, serão necessários cerca de quarenta anos para cobrir apenas as línguas faladas por grupos de um milhão de pessoas ou mais — e existem mais do que 3.000 línguas e dialetos principais falados.

Uma chave para fazer com que isto aconteça mais depressa é o Instituto de Ciências de Tradução, na Universidade de Brigham Young, onde se trabalha simultaneamente na solução de dois problemas: (1) o processamento de palavras e auxílios de tradução por computador, e (2) a tradução por computador de atuação recíproca.

Transmitir as palavras de uma página em inglês para outra em castelhano não é um processo simples. Um tradutor tem que converter o texto de uma língua para outra; seu esboço é datilografado; ele revisa e corrige; o texto é novamente datilografado e, outra vez revisado e datilografado, revisado novamente e redatilografado, lidas as provas, composto e novamente lido, e impresso. Em qualquer

dos estágios, pode haver erros, e todos esses passos levam tempo.

No Instituto de Ciências de Tradução da BYU, um outro processo se encontra em estudos — o processamento de palavras. Isto significa que um tradutor toma o documento original e datilografa sua tradução diretamente no computador, seguindo seu processo em uma tela acima do teclado. Ele pode revisar, modificar e corrigir à medida que traduz. Se uma palavra não precisar ser mudada, nunca mais será datilografada outra vez e, daí por diante, não poderá ser escrita erradamente. Ele pode acrescentar, cancelar ou mudar letras, palavras, frases, sentenças, parágrafos ou mesmo páginas.

Quando tiver terminado, simplesmente grava o documento traduzido em uma fita cassete ou disco de computador. Seus revisores, usando o mesmo tipo de terminal, podem todos fazer suas próprias mudanças, sem alterar as partes que devem permanecer imutáveis. O computador também a comporá. O ICT não inventou o processamento de palavras (os jornais também o usam), mas foi o pioneiro em seu uso para a tradução em conjunto com os Serviços de Tradução da Igreja.

Os resultados? A tradução em si ainda leva o mesmo tempo, mas os outros passos podem ser dados com tanta rapidez que diminuem o tempo total em quase cinquenta por cento. E, visto que um

A Tradução - Com Uma Pequena Ajuda de Nossos Computadores

O Instituto de Ciências de Tradução da Universidade de Brigham Young está desenvolvendo um processo no qual um computador fará a maior parte do trabalho de tradução de um documento, recebendo ajuda mínima de um operador humano.



computador trabalha tão rapidamente, as economias em dinheiro são igualmente relevantes.

Poderá alguma coisa ser feita para diminuir o tempo da tradução em si? Sim. Um dos projetos atuais é um sistema instantâneo de recuperação que trará à tela do vídeo os dicionários e um banco de todas as escrituras traduzidas, que atualmente têm que ser laboriosamente procuradas uma de cada vez.

Alguns auxílios que estão agora prontos para serem usados são um sistema que representará os acentos da maioria das línguas, e a capacidade de imprimir 10.000 caracteres chineses, mais o desenvolvimento de concordâncias analíticas para as obras-padrão. Encontra-se em desenvolvimento um sistema para compor em chinês — conforme se sabe, um dos poucos desses projetos no mundo.

O segundo enfoque principal é um que parece de ficção científica — tradução por computador de atuação recíproca. Isto significa que o operador humano “guia” o computador através do processo de tradução, sendo o Instituto de Ciências de Tradução da BYU o único centro de grande porte do país onde isto está funcionando. O Instituto da BYU já recebeu reconhecimento internacional por seu pioneirismo nesse campo. Tradicionalmente, um dos problemas que sempre impediram a tradução por computador é o de que a máquina não sabe o que fazer com as ambigüidades, frases coloquiais e peculiaridades gramaticais. O Dr. Eldon Lytle, professor assistente de lingüística e diretor do instituto, desenvolveu um sistema de língua denominado Gramática de Ligação, que “instrui” o computador quanto à relação entre as várias partes da sentença e também “diz-lhe” qual

seria o equivalente na língua para a qual se está traduzindo. Ela “cria” sua representação estrutural no computador e gera uma estrutura correspondente na língua para a qual se está traduzindo.

E quando surge uma ambigüidade que a máquina não sabe como utilizar ela pára e faz uma pergunta ao operador. (O operador humano que trabalha com o computador neste estágio é altamente treinado em inglês, a língua de origem.) Quando a ambigüidade é esclarecida, o computador termina seu processamento e produz um esboço de tradução.

A tradução é, aí, revisada por alguém cuja língua é aquela para a qual foi feita a tradução em um terminal em vídeo que mostra tanto o inglês como a outra língua. Assim, um operador humano toma as decisões finais quanto ao significado do texto original e da tradução, e cada um é primordialmente responsável pelas sutilezas de sua própria língua. Essa dupla perícia inevitavelmente produz interpretações mais acuradas.

E, exatamente, qual é a acurácia dessas traduções? Uma avaliação independente feita pela Sperry Univac Corporation (uma firma de computadores) em junho de 1977, demonstrou cerca de 96 por cento de exatidão técnica em gramática, seleção de palavras e inteireza. Quando todos os sistemas estiverem em operação, a exatidão será ainda maior. O ICT iniciará com cinco línguas — do inglês para o alemão, francês, português, castelhano e chinês. Visto que todas as cinco traduções podem ser feitas simultaneamente e uma vez que será exigida muito menos composição depois da tradução, um projeto que costumava levar cinco horas, deverá ser feito em duas.

Nossa capacidade de fazer o bem nesta vida para merecer a vida eterna depende diretamente da honestidade para conosco mesmos, para com nosso próximo e para com nosso Pai Celestial. Hoje, assim como nos dias dos amonitas, devemos distinguir-nos por nossa honestidade.



Mais Alto do que Todos os Outros

Elder Marion D. Hanks

Da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Era uma daquelas raras manhãs de domingo em que, por uma razão muito especial, acontecia de eu estar em casa, em minha própria ala. Sentamo-nos na última fila, e nosso filho único, um rapaz alto e educado, percorreu o corredor que levava ao púlpito a convite do bispo, ficando em pé a seu lado. O bispo falou a respeito de meu filho e apresentou-o à congregação, solicitando-lhes o voto de apoio para seu avanço no Sacerdócio Aarônico. Todos votamos e,

mais tarde, tive o privilégio, a convite do bispo, de ordenar meu filho.

Mais tarde, naquele dia, durante o almoço, ele contou a suas irmãs sobre os acontecimentos daquele dia. Disse que foi um tanto aterrador percorrer a capela e ficar em pé com o bispo, diante da congregação. Mas, disse ele: “Quando votaram, olhei e vi papai levantando a mão mais alto do que todos os outros e senti que tudo ia bem.” E ele estava certo. Eu havia levantado a mão tão alto quan-

to podia. Ele é meu filho e é exatamente assim que me sinto a seu respeito. O relacionamento entre pais e filhos é muito especial.

Tenho amor ao Livro de Mórmon e não me lembro quando foi que esse amor nasceu, mas uma grande parte do que mais gosto no livro são as instruções, ensinamentos e testemunho dos pais a seus filhos. O Senhor deu uma incumbência especial aos pais. Ele nos disse o que deseja que seja ensinado e sobre o que quer que testifiquemos.

O poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) ouviu, certa feita, um fazendeiro dizer que esperava que seus filhos crescessem tementes a Deus, que fossem fervorosos e dignos, mas nunca os influenciaria em favor de qualquer religião, impondo-lhes princípios religiosos ou levando-os à Igreja. Disse que eles cresceriam e decidiriam por si mesmos. Este mesmo fazendeiro era famoso por sua fazenda muito produtiva, suas hortas bem cuidadas e seus filhos inteligentes.

Coleridge respondeu ao homem: "Bravo! Esta é uma idéia bem progressista. Por que você também não a aplica aos seus campos, pomares e hortas no futuro? Não as influencie semeando, limpando e cultivando o solo, podando e desbastando as árvores e plantando as hortas. Por que não espera para ver se elas crescem e simplesmente se decidem a ser aquilo que você espera que elas se tornem?"

Deus deu aos pais a responsabilidade de ensinar a seus filhos. Concedeu um encargo especial aos pais. Deu-nos um exemplo particular no Livro de Mórmon, que é, em grande parte, um registro de pais que ensinaram seus filhos. Considerem homens como Léhi, Alma e Mórmon.

O que ensinaram eles, sob a obrigação que tinham como pais? (1) Ensinaram a verdade revelada, princípios de significado eterno, teologia que era básica e bela e que podia encontrar eco no coração. (2) Deram conselhos prudentes e eficazes, extraídos de sua experiência. (3) Ensinaram valores sobre os quais se podia edificar uma vida, uma cultura e uma

civilização. (4) Prestaram, uniformemente, poderosos testemunhos pessoais de Jesus Cristo e de seu Pai, e do plano eterno de salvação.

Considerem primeiramente Léhi que, através de seu exemplo e instruções, deixou dons poderosos a seus filhos.

Léhi partilhou com seu filho suas grandes visões e as admoestações e promessas do Todo-Poderoso, as quais foram básicas nas primeiras declarações de Néfi, dando-lhe o alicerce para o testemunho com o qual inicia seu registro: "Sei que o meu registro é verdadeiro... sim, tu sabes que acredito em todas as palavras de meu pai." (1 Néfi, 1:3; 11:5.)

O que, especificamente, Léhi queria que Néfi soubesse? Uma das coisas que partilhou com seu filho foi uma visão que envolvia uma árvore em um campo, frutos na árvore, um caminho que levava a ela, uma barra de ferro, um abismo e água imunda, e um edifício espaçoso.

Os símbolos eram simples. A árvore era a árvore da vida e representava o amor de Deus. O caminho era o que leva à retidão. O abismo de água era o abismo do inferno. O fruto da árvore era precioso e desejável acima de todos os outros frutos. O edifício representava o orgulho e as vãs fantasias deste mundo.

Naquela visão bem conhecida, Léhi aprendeu e ensinou a seu filho estas realidades: Existem certas pessoas que não creem e estão organizadas para lutar contra a verdade. Existem também aqueles que põem o pé no caminho que leva à árvore do fruto mais doce, mas descobrem que o caminho é obscurecido pelas névoas, que são as tentações do diabo. Eles vagueiam e se perdem. Existem outras pessoas que se apegam à barra, partilham do fruto e conhecem a sua doçura, mas que então olham à sua volta e, vendo os que caçoam e lhes apontam o dedo, mofando, caem em caminhos proibidos e se perdem. E, finalmente, existem aqueles que se agarraram à barra de ferro, trilham o caminho, provaram do fruto e imediatamente olharam à sua volta para ver se podiam descobrir sua própria

família ou outros com quem pudessem partilhar da doçura e da alegria eterna que Deus queria que tivessem.

Assim, Léhi, nesta visão, ensinou a seus filhos que há oposição em todas as coisas, que através do livre arbítrio do homem são feitas escolhas que determinam o curso da vida, tanto mortal como eternamente, que existe um diabo e aqueles que a ele sucumbem, e que as mais doces de todas as bênçãos vêm através de se nutrir com a agradável palavra de Deus e também de compartilhá-la.

Todas essas grandes lições Léhi explicou subsequentemente com minúcias a seus filhos, ensinando-os sob as revelações de Deus e o poder do Espírito.

Sentimos uma afinidade especial com o profeta Alma, por haver anunciado suas próprias imperfeições e necessidade de arrependimento. Os pecados de Alma eram bem conhecidos. Ele havia, juntamente com os filhos de Mosiah, saído para destruir a Igreja. Tinha, deliberadamente, escolhido outro caminho e encontrava satisfação em desencaminhar os outros. Em meio a este comportamento, foi

completamente transformado pelo anjo que lhe apresentou a mensagem. Esta era: “Não procures mais destruir a Igreja de Deus. Se insistires em destruir-te a ti mesmo, então pelo menos não leves a outros contigo.” (Vide Mosiah 27:11-16.)

A história que se apresenta muitos anos depois é a de um pai honesto expressando seu pesar. O que disse é, a meu ver, a instrução mais significativa que se pode ler ou escutar referente ao arrependimento e perdão e sobre a misericórdia de Deus. Essa grande mensagem encontra-se nos capítulos 39 a 42 de Alma. Coriânton havia sido chamado para uma missão e abandonou seu ministério para unir-se à prostituta Isabel. Muitos o seguiram e ele justificava o que havia feito, dizendo algo mais ou menos assim: “Olhe, papai, hoje em dia as coisas são diferentes. Não se aborreça, isso é uma coisa normal no mundo de hoje.”

Pelo que vocês experimentam no mundo que os cerca, podem ver que a situação de Coriânton é tão real quanto a de qualquer pessoa atualmente. Seu pecado era verdadeiro, seu risco também e seu problema em aceitá-lo tão real que sua salvação dependia disso.

Como é que Alma respondeu a seu filho? Poderíamos achar que ele seria compassivo, levando em conta suas próprias experiências. Mas, ele precisava fazer com que Coriânton compreendesse que não haveria esperança, caso não entendesse a seriedade de sua posição. Alma disse mais ou menos isso: “O que você fez vem logo depois do assassinio, à vista de Deus. Pôs em risco tudo de doce e belo que poderia receber neste mundo e no vindouro. Ora, se você acha que Deus lhe vai dar algumas chibatadas e então perdô-lo, quando você nada faz para enfrentar a responsabilidade de sua situação, está errado.”

Deve ter sido uma cena comovedora — o pai, com toda sua triste experiência e sua angústia por ver que seu filho trilhava um caminho semelhante e poderia não se arrepender, como ele se arrependera.



Mas, de alguma forma, Coriânton acordou. Parou de desconversar e disse: "Está bem, papai, vou enfrentar minha responsabilidade. Reconheço minha culpa e minha tristeza." O que aconteceu depois não está escrito, mas nós o podemos ler em nossos corações.

Alma ensina, exultantemente, seu filho sobre a expiação de Jesus Cristo, seu propósito e significado. Aconselha-o a ouvir as admoestações e seguir os exemplos de seus irmãos que são obedientes e firmes. E conclui: "E agora, meu filho, eu desejo que não te preocupes mais com essas coisas e que deixes apenas teus pecados te preocuparem, com aquela preocupação que te encaminhará ao arrependimento." (Alma 42:29.) Coriânton teve que aprender a aceitar o perdão de Deus e a perdoar a si mesmo.

O último pai que mencionarei é Mórmon. Seus ensinamentos a seu filho são registrados, fundamentalmente, em duas cartas que compõem os capítulos sétimo, oitavo e parte do nono livro de Morôni. Um curto exemplo pode motivá-los a ler, por si mesmos, esta notável narração.

Grandes tragédias haviam-se sucedido por ocasião do encerramento da última carta de Mórmon a seu filho Morôni, que era missionário. Ele fala sobre a depravação e perversidade do povo. Diz: "Não têm princípios nem sentimentos... não me atrevo a recomendá-los a Deus." (Morôni 9:20-21.)

Mas ele pode recomendar seu filho fiel e ora para que possa encontrá-lo novamente. Encerro estes escritos relativos aos ensinamentos dos pais com o ponto destacado por Mórmon, sua esperança e o cumprimento de seu testemunho:

"Sê fiel a Cristo, meu filho, e oxalá não te aflijam as minhas revelações... possa Cristo te animar e possam os seus sofrimentos e morte, a manifestação do seu corpo a nossos pais, sua misericórdia e longanimidade, a esperança de sua glória e vida eterna, permanecer em teu espírito para sempre." (Morôni 9:25.) Seu último testemunho foi pleno de instrução, afeto, súplica e fé. Por seu filho, ele estava levantando a mão mais alto do que todos os outros.

Não julgues leal aquele que elogia todas as tuas palavras e ações, mas aquele que bondosamente reprova as tuas faltas.

(Sócrates)

Não é no apogeu da fama, nem com facilidade que os homens e mulheres mais crescem, mas, freqüentemente, é nas profundezas do vale dos sofrimentos, da adversidade e das decepções, que fortalecem seu caráter.

Ezra Taft Benson

Meus Filhos - Meus Amigos

Jay M. Todd

Faz agora sete anos que eu o conheci, mas sempre que medito sobre certos aspectos da paternidade, ainda penso em Manuel Cerda, da Cidade do México.

Conheci o Irmão Cerda em agosto de 1972, enquanto fazia uma reportagem sobre a primeira conferência de área em seu país. Havia solicitado avistar-me com algumas famílias de santos dos últimos dias para saber do impacto do evangelho em sua vida. Foi assim que meu intérprete, Jesse Trujillo, e eu fomos levados a Benemerito e recebidos com alegria no lar de Manuel e Maria Cerda, pais de cinco filhos adultos.

Logo fiquei sabendo por que havíamos sido levados a sua casa. Sua história começara dezessete anos antes, quando os missionários haviam batido em sua porta em Tehuacan, a 225 quilômetros de sua casa atual. Em seis meses, o pai, a mãe e os cinco filhos foram batizados — Victor tinha vinte e três anos, Augustin, vinte e um, Moisés, dezenove, Ramon dezessete e Gilberto dezesseis. Em menos de um ano, os filhos começaram a ser chamados para missão. Não se passou muito tempo antes que chegasse um período extraordinário de seis meses em que todos os cinco filhos estavam servindo, simultaneamente, nas missões do México. De interesse semelhante foi a notável coincidência de que todos os cinco filhos serviram dois ou mais meses como companheiros de um de seus irmãos.

Com a ida de sua família para o serviço missionário, Manuel Cerda achou que não era o bastante enviar seus filhos e sustentá-los da melhor maneira que po-

dia. Decidiu que deveria ser um exemplo. Ele e sua mulher decidiram, juntos, que também seriam missionários. Não era verdade que havia amigos e vizinhos não-membros por toda a redondeza?

Assim, durante o período de três anos em que os cinco filhos serviram em missão, Manuel e Maria Cerda envolveram-se pessoalmente na conversão de setenta pessoas à Igreja. Semanalmente seguiam cartas de Manuel e Maria para seus filhos, contando a respeito de um conhecido após outro que se filiava à Igreja. O testemunho de alegria e verdade advindos do pai e mãe aquecia o coração dos cinco filhos — pai e mãe fazendo a obra missionária em casa, pai e mãe encorajando seus filhos missionários, irmãos que serviam juntos como companheiros.

Logo o testemunho desta família acendeu uma grande fogueira de fé, energia e amor, estendendo-se cada vez mais. Ao término de suas missões, este foi o relatório dos filhos a seu pai e mãe: Victor e seus companheiros — 140 pessoas batizadas na Igreja; Augustin e seus companheiros, 106 pessoas; Moisés e seus companheiros, 160 pessoas; Ramon e seus companheiros, 75 pessoas; Gilberto e seus companheiros, 233 pessoas. Total: 784. Quando os conheci, a família já havia trazido mais 53 — 837 amigos eternos entre os membros da Igreja.

Olhei para eles ao terminarem sua história; seus olhos brilhavam de felicidade. Pensando que esta seria minha última questão, perguntei-lhes em castelhano vacilante o que estavam fazendo no momento na Igreja. Entre eles havia um bispo, um presidente da Escola Dominical,

outro bispo, um secretário executivo e um conselheiro de presidente de missão.

Dirigi-me ao pai, Manuel, e perguntei-lhe o que estava fazendo. Ele respondeu que servia como conselheiro em um bispado. Eu estava pronto para terminar, com um último item, quando um dos irmãos acrescentou que o bispo a quem o pai servia como conselheiro era um dos filhos.

Chegou então um dos momentos especiais de minha vida como entrevistador. Voltando-me para o filho bispo, Victor, perguntei: "Como é que você se sente tendo seu pai como conselheiro?"

Com enternecimento, ele respondeu gentilmente: "Tenho grande amor a meu pai. Ele sempre me aconselhou muito bem em minha vida. Tem sido um exemplo para mim. Tem sido minha inspiração. Sempre que em minha vida tive dificuldades, ele me ajudou. A quem mais eu poderia pedir que me aconselhasse, além de meu pai?"

Lágrimas começaram a embaçar-me os olhos e eu virei-me vagarosamente para Manuel: "Como é que você se sente, servindo seu filho como um conselheiro?"

Com a grande dignidade natural da língua castelhana, Manuel Cerda disse em voz macia, vagarosa e emocionalmente trêmula: "Tenho grande amor a meus filhos. É uma honra aconselhá-los. É uma

honra admoestar os outros para que os escutem. Creio que me sinto mais ou menos como Deus, o Pai, se sentiu, quando disse: "Este é o meu Filho Amado em quem me comprazo. Ouvi-o." (Mateus 17:5.) Compreendo bem o amor entre pai e filho."

Voltei-me e percorri novamente o círculo. "O que", perguntei, "causou esse amor familiar?"

O pai, Manuel Cerda, resumiu as respostas dos outros: "Foi o evangelho que transformou nosso lar. Ensinou-nos a nos ver reciprocamente como amigos eternos. Ensinou-me afeição e amor. Ensinou-me a apreciar meus filhos. Lutamos contra tudo o que procure dividir-nos, que afete nossa estima uns pelos outros. A verdade transformou nossa vida."

Depois de conversarmos mais um pouco e de nos despedirmos afetuosamente, deixamos o lar de Manuel Cerda. Mas, nos anos seguintes, descobri que Manuel Cerda não me abandonou. Sempre que penso em paternidade e medito sobre família e lar, sua sociedade e culturas, a lembrança de Manuel Cerda tem permanecido, recordando-me do maravilhoso exemplo de meu próprio e querido pai mortal, dos ensinamentos de nosso Pai Celestial, e do conceito de paternidade que procurei entender e aplicar em minha própria vida.



Realização alguma foi alcançada sem que obstáculos tivessem que ser superados, e ainda não se encontrou um modo de viver que seja sempre estável. Os dias felizes e dias de depressão, as alegrias e dores de cabeça, até as depressões mais profundas são todas partes de um processo dinâmico. Se permitirmos que as circunstâncias, dificuldades e estados de espírito tomem conta de nós, não poderemos ser felizes pois nos sentiremos derrotados.

Richard L. Evans

Perguntas e Respostas

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas para orientação e não como declarações oficiais de normas da Igreja.



Dr. Clifford J. Stratton, professor assistente de anatomia na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Nevada; sumo conselheiro da Estaca Reno Nevada Norte.

AS BEBIDAS À BASE DE ERVAS SÃO CONSIDERADAS COMO "BEBIDAS QUENTES" PROIBIDAS PELA PALAVRA DE SABEDORIA, OU SÃO "PARA SEREM USADAS COM PRUDÊNCIA E AÇÕES DE GRAÇAS?" (Vide D&C 89:10, 11.)

Esta é uma boa pergunta cuja resposta é difícil, visto que mais de mil ervas já foram identificadas até agora, mas nem todas foram tão completamente estudadas para sabermos todos os seus valores medicinais. Felizmente, as ervas mais conhecidas e as bebidas com elas confeccionadas já foram analisadas — embora a única fonte recomendada para consulta seja uma biblioteca médica. As informações disponíveis que examinamos, oriundas de fontes populares ou comerciais, com frequência não são dignas de crédito.

Não podemos debater todas as bebidas preparadas com ervas neste espaço limitado, mas faremos comentários sobre algumas das mais populares.

A *salvia* tem sido usada durante séculos em chás. Seu ingrediente ativo é um óleo volátil amarelo-esverdeado com

um forte conteúdo de tanino. Uma das espécies, *salvia reflex*, é venenosa, mas extratos de *salvia officinalis* são muito eficazes nos remédios modernos contra a bronquite e em preparados contra inflamação da garganta. Usada em gargarejos, ela evita salivagem excessiva e tem um efeito antibactericida significativo.

O chá de *ginsém* é, segundo se diz, uma bebida diária de milhões de pessoas. Ele estimula a glândula supra-renal e causa um dramático aumento de secreção corticosteróide. Isto significa que interfere com o metabolismo de carboidratos, proteínas e gorduras, com o equilíbrio eletrólito e líquido, os músculos do coração, rins e voluntários e o sistema nervoso central. Seu uso deve ser evitado, a menos que receitado por um médico.

Os chás de menta, hortelã e hortelã-pimenta (*Mentha*) ajudam eficientemente no alívio de gás do estômago e intestino e podem ser usados com segurança e moderação para esse propósito. As raízes de dente-de-leão (*Taraxacum officinale*) eram usadas pelos médicos do século dezanove para tratar de doenças crônicas do fígado, mas sua verdadeira utilidade não foi comprovada.

A alfafa (*Medicago sativa*) pode aumentar a produção de cortisona, mas contém também compostos que causam dermatites em muitas pessoas. Desde que existe disponibilidade de cortisona sintética através de receita médica, sem os outros componentes indesejáveis encontrados na planta, o uso tradicional da alfafa para reumatismo e artrite é, atualmente, muitíssimo desencorajado.

Os chás de trevo e de saçafrás contêm substâncias venenosas (*cianeto* e *safiole*, respectivamente). O trevo é proibido nos Estados Unidos.

Numerosas bebidas de “combinações” de ervas, usadas por prazer ou devido às suas propriedades medicinais, também são vendidas. Vocês devem verificar o efeito de cada uma dessas ervas antes de beber regularmente o chá.

A *ephedra*, conhecida popularmente no oeste dos Estados Unidos como “chá do deserto”, “chá mórmon”, “chá índio” ou “chá mexicano”, não contém nenhum alcalóide prejudicial, mas é rico em vitamina C. Caso for tomado em grandes quantidades, diminui o ritmo do coração, podendo assim diminuir a pressão sanguínea. As antigas afirmações de que ajudava no tratamento de doenças venéreas e dores de garganta provavelmente não têm fundamento. Entretanto, é importante não confundir a *ephedra* norte-americana com a *ephedra* chinesa, Ma Huang, que contém grande quantidade de efedrina, o sal de um alcalóide que estimula fortemente os nervos e, assim, só deve ser usado como remédio sob os cuidados de um médico.

Desta forma, cada erva para chá pode ser classificada como “uma bebida quente” ou “uma erva para ser usada com prudência” somente depois de sabermos qual o seu efeito sobre o corpo. Algumas

bebidas não possuem níveis significativos de drogas e podem ser usadas como gostosas bebidas cálidas com alguns benefícios nutritivos. No entanto, um corpo bem nutrido não tem necessidades antinaturais e não exige droga alguma para que funcione bem, tanto intelectual como fisicamente.

O Senhor nos deu as ervas para “serem usadas com prudência e ação de graças” (D&C 89:10-11), “para fortalecer o corpo” em certos casos de moléstias comuns. Mas ele nos advertiu que as ervas devem ser usadas “com discernimento” (D&C 59:17-20), “sem excesso ou extorsão”, baseados em informações fidedignas. (Vide D&C 59:17-20; 89:10-11.)

Como um médico que pesquisou os componentes farmacológicos das ervas durante muitos anos, devo acentuar a importância de não se “receitar” chás de ervas como remédios para si e para os outros. Muitos chás de ervas *realmente* contém drogas cujo efeito é desconhecido e o “conhecimento popular” não é uma orientação digna de confiança. Qualquer doença que exige remédios deve ser tratada por um médico; e uma pessoa prudente não consumirá grandes quantidades de *qualquer* erva por *qualquer* motivo.

“A vida é feita não de grandes sacrifícios ou deveres, mas de pequenas coisas nas quais os sorrisos e a bondade e as pequenas obrigações habituais são o que conquista e preserva o coração e garantem o bem-estar.”

David O. McKay

"Vejam, o bebê é cego. Ele não tem olhos!" As enfermeiras reuniram-se com incredulidade à volta, para ver o recém-nascido começando a ficar vermelho, depois de sua viagem para este mundo. Sim, era verdade. O bebê era cego. Não havia olhos no lugar onde deveriam estar. A mãe, uma bela enfermeira, e o pai, um estudante de medicina, teriam que ser avisados. Como será que reagiriam?

Sendo médico, eu, como o escritor do Velho Testamento, "tenho visto o trabalho que Deus deu aos filhos dos homens, para com ele os afligir." (Eccl. 3:10.) Tenho também visto, e observado cuidadosamente, a maneira como os filhos dos homens" têm reagido ao trabalho — as aflições que Deus lhes permitiu ter. É evidente que o Pai não nos promete ne-

Trabalho

Homer G. Ellsworth



nhuma imunidade aos problemas. Na verdade, a promessa de Deus pode ser exatamente o oposto, pois ele nos diz: "Porque o Senhor corrige o que ama." (Heb. 12:6.) Estude as escrituras e logo compreenderá que aqueles que estão próximos de Deus, como Davi, que foi um amigo de Deus, têm tido muitos problemas.

Consideremos Jó, por um momento. Seu nome é como um sinônimo de aflição. Perdeu suas terras, saúde, amigos, filhos e filhas. Estava coberto de chagas e infestado de vermes e, no entanto, não vacilou. E até mesmo quando sua mulher sugeriu a esse homem atormentado que deveria amaldiçoar a Deus e morrer, sua resposta foi uma reafirmação positiva de sua fé. Deus não protegeu Jó contra os infortúnios, embora esse profeta tivesse demonstrado um alto grau de fé e retidão. A promessa de Deus a Jó, como a todos nós, foi de bênçãos imensuráveis nas eternidades, caso fizesse as escolhas corretas, guardasse a fé e obedecesse aos mandamentos. Deus o confortaria em seus sofrimentos, o apoiaria e dar-lhe-ia certeza, à medida que se mantivesse firme até a morte. Esta promessa é repetida através de todas as escrituras.

Enquanto estava na terra, o Salvador ensinou, através de parábolas, a necessidade de sermos testados e resistirmos. Falou sobre um homem que construiu sua casa sobre a areia e de outro que a construiu sobre a rocha. Quando os problemas vieram, o vento soprou, a tempestade se abateu, uma delas ruuiu, mas a outra ficou em pé. O fator determinante foi o alicerce, como o alicerce da fé que susteve a Jó.

Certamente, em nossa dispensação, o Profeta Joseph, também um amigo de Deus, foi afligido com muito trabalho. Relembrem a tribulação na Cadeia de Liberty, onde ele foi afastado de sua esposa e família, agrilhado à parede da cela durante meses, sujeito a todos os tipos de privações e, por duas vezes sendo-lhe oferecida carne humana para comer. Finalmente, ele clamou ao seu Pai

nos céus: “Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre o teu esconderijo? Quanto tempo reterás a tua mão?” (D&C 121:1-2.) Deus não disse a Joseph que ele seria solto ou devolvido a sua família. Ele prometeu ao Profeta que não seria esquecido ou abandonado e que “todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.” (D&C 122:7.)

Não, nosso Pai não nos oferece isenção de problemas, e assim foi com o pai e mãe do bebê cego. Aquela criança foi aceita com amor, cuidada com bondade. Os pais são mais compreensivos, mais interessados, mais cristãos em seus atos, devido à sua resposta ao problema que lhes dilacerou o coração.

Lembro-me bem de uma doce jovem paciente que conheci anos atrás, quando veio para um exame pré-nupcial. Ela nasceu sem um braço. Observando que ela se havia identificado como estenógrafa em sua ficha médica, perguntei-lhe: “Você é secretária?”

“Está surpreso?” sorriu ela em resposta. Posso datilografar, com uma só mão, com tanta rapidez quanto muitas moças com duas. Logo que pude entender, minha mãe me disse que me havia sido dada uma deformidade, para que me pudesse fortalecer, e que eu deveria aprender a fazer as coisas tão bem com uma quanto outras pessoas faziam com duas mãos. Nunca considereei minha limitação como um obstáculo.” Tenho observado essa jovem paciente. Desde aquela época, ela já se submeteu a uma operação no coração e tem um filhinho de quem cuida com terno amor. Uma bela resposta à aflição, e estou certo de que Deus está satisfeito.

Deixem-me compartilhar com vocês duas reações contrastantes: Certa paciente era uma senhora de 36 anos, a quem chamarei Maria. Quando a operamos, descobrimos câncer espalhado por toda sua cavidade abdominal. Na manhã seguinte, ao encará-la, ela perguntou seriamente: “Tenho câncer, não é?” Minha resposta relutante foi: “Sim, você tem câncer.” Sua pergunta seguinte foi: “Quan-

to tempo ainda tenho para viver?” Expliquei-lhe que era impossível determinar uma data exata. Ela esperava que eu não a compreendesse mal. Não estava com medo de morrer, disse.

Maria estava em paz com seu Pai nos céus, porque tinha acabado de completar um curso especial para portadores adultos do Sacerdócio Aarônico. Chamava-se “Projeto Templo”. Ela falou sobre seu marido e filha adolescente que não haviam estado ativos na Igreja até que os três freqüentaram as reuniões do “Projeto Templo”. Ao término da experiência, o bispo lhes havia assegurado que dentro de seis meses poderiam ir ao templo, se fizessem as coisas que deviam. O apelo de Maria era de ficar viva por aqueles seis meses, a fim de que pudesse ir ao templo e ser selada a sua família. “Se puder viver esse tempo, então morrerei sem reclamar”, disse-me ela. Maria viveu aqueles seis meses. Durante todo o tempo em que esteve no hospital, era alegre e aparentemente sem dores, embora seu corpo estivesse infestado por uma doença que, normalmente, é extremamente dolorosa, exigindo grandes quantidades de narcóticos. Maria não precisou de nenhum e, literalmente, cruzou os braços e morreu — sem reclamar.

Na seção 42 de Doutrina e Convênios, o Senhor descreve esse estado: “E acontecerá que os que morrerem em mim não provarão esta morte, pois ser-lhes-á doce.” (D&C 42:46.) É sua fé, sua segurança, sua proximidade com seu Pai nos céus que torna doce a morte.

Ao mesmo tempo que estava cuidando de Maria, tive outra paciente a quem chamarei de Jane. Estava com 42 anos. Semelhantemente a Maria, tinha um câncer incurável. Logo depois de saber que estava desenganada, saiu de casa, mudou-se para um hotel da cidade e passou a ter uma vida exatamente oposta aos ensinamentos do evangelho. Visitava os bares e bebia muito e experimentou drogas. Em suas próprias palavras, ela estava “experimentando tudo antes de morrer.” Mor-

reu gritando de dor, amaldiçoando a Deus.

A 42.^a seção de Doutrina e Convênios também diz: “Mas os que não morrem em mim, ai deles, pois amarga é a sua morte.” (D&C 42:47.) É sua falta de fé, sua falta de receptividade ao seu Pai nos céus que torna a morte amarga.

Eis aqui duas pessoas diferentes com o mesmo problema. Uma delas compreendia bem a necessidade de as pessoas enfrentarem provações na vida para ajudá-las a desenvolver a humildade, solidariedade e apreço pelo que é bom e belo. A outra mulher, sem esse entendimento, afastou-se de seu Pai Celestial e aumentou em muito sua carga e seu pesar.

O Senhor nos colocou aqui, sobre a terra, a fim de sermos provados, termos problemas para resolver, para que possamos crescer em sabedoria e autodisciplina. A reação apropriada às dificuldades é parte do desenvolvimento de nosso caráter e mente eternos; portanto, quanto mais maduros e instruídos nos tornamos, mais cumprimos o propósito de nossa vida aqui na terra. Se todos seguissem o seu próprio caminho na estrada da vida,

sem problemas ou dificuldades, fazendo o que quer que desejassem, nós seríamos fracos. O salmista diz que Deus deu aos homens o desejo de seus corações, mas enviou fraqueza para sua alma (Vide Salmos 106:15.) Cada um de nós está aqui com a determinação de tornar-se a melhor pessoa possível, a fim de que todos possamos obter retidão suficiente para habitar-mos na santa presença de nosso Pai nos céus e sermos úteis a ele ao posuirmos vida eterna. Convém que todos nós, cada vez que tivermos dificuldades sérias na vida, procuremos nosso ser mais interior, determinemos o tipo de reação que Jesus teria em nosso lugar e então tomemo-la, não importando qual seja o preço a pagar no momento.

Não desejamos retornar ao nosso Pai com nossa alma definhada (Vide Salmos 106:15); assim, ajoelhemo-nos quando nos surgirem problemas e peçamos a Deus que nos dê forças para resolvê-los ou sobrepujá-los, ou mesmo suportá-los, em vez de simplesmente retirá-los. Sim, por um sábio propósito. Deus deu trabalho aos filhos dos homens, para que, através de suas aflições, eles possam progredir. (Vide Eclesiastes 3:10.)

A felicidade é algo ilusório. É como o pote de ouro no fim do arco-íris. Se formos deliberadamente procurá-la, talvez tenhamos dificuldade em alcançá-la. Mas se seguirmos de perto as orientações, planejando o caminho a ser seguido, não precisaremos procurá-la. Ela nos alcançará e permanecerá conosco.

Qual o preço da felicidade? Ficar-se-ia surpreso com a resposta. As portas da felicidade estão abertas àqueles que vivem o evangelho de Jesus Cristo em toda pureza e simplicidade. Como um marinheiro sem estrelas, um viajante sem bússola, é a pessoa que caminha pela vida sem nada planejar. A certeza da suprema felicidade, a certeza de uma vida cheia de sucessos nesta existência e de exaltação e vida eterna na outra, advém a todos os que vivem em completa harmonia com o evangelho de Jesus Cristo — e consistentemente seguem o roteiro estabelecido.

Spencer W. Kimball

De Proveito para Outros

Scott Snow



Como muitos outros alunos de dezesseis anos que freqüentam o seminário, em todo o mundo, Kim Tae Whan, um membro coreano, estudou o capítulo 10 de Lucas — a parábola de Cristo sobre o Bom Samaritano.

Certa manhã, Tae Whan pediu a sua mãe: “Mamãe, pode preparar-me mais um lanche hoje?” A Sra. Kim preparou outro lanche, pensando que seu filho estava crescendo tão rápido, que precisava de um pouco mais para alimentar-se. Depois disso, todos os dias ela lhe preparava um lanche a mais, para levar.

Certa manhã, Tae Whan pediu a sua mado telefônico no serviço, de um amigo íntimo.

“Olá, Dr. Kim. Como vai indo a família?”

“Muito bem!” Respondeu o Dr. Kim alegremente.

Os dois amigos conversaram algum tempo, até que o Sr. Lee desabafou: “Você tem certeza de que sua família não tem tido problemas ultimamente?”

Fazendo uma pausa, o Dr. Kim respon-

deu curiosamente: “Por quê? O que há de errado?”

“Dr. Kim, vi Tae Whan lá na esquina, vendendo jornais, outro dia.”

“Que foi que você viu? Tem certeza?”

“Absoluta!! Eu fiquei preocupado com o bem-estar de sua família e resolvi perguntar-lhe.”

Naquela tarde, o Dr. Kim ficou sentado ali no escritório, intrigado, imaginando por que Tae Whan faria uma coisa assim sem a mencionar a ninguém. Naquela noite, depois do jantar, o Dr. Kim esperou uma oportunidade de falar com seu filho. Finalmente, disse: “Tae Whan, poderia falar com você por um momento?”

“Claro, papai.”

“Filho, recebi hoje um telefonema do Sr. Lee. Ele disse que viu você na cidade, vendendo jornais, outro dia. É verdade?”

Tae Whan respondeu timidamente: “Sim, papai, mas fiz isso para ajudar um colega. Ele não tinha lanche, assim tenho-lhe dado o extra que mamãe me faz. E, por todo jornal que vendemos, ganhamos 40 won (aprox. Cr\$ 2,30).”

“Filho, por que você está fazendo isso? Você me deveria ter perguntado primeiro.”

“Mas, papai, toda vez que ajudo a um amigo, sinto que me estou tornando mais semelhante ao Bom Samaritano. Além disso, ouero ajudar meus colegas que não são tão afortunados quanto eu. Não estou fazendo grande coisa. Li sobre isso em meu livro do seminário e senti que era o que eu precisava fazer.”

Tae Whan sabe o significado do mandamento do Salvador: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” (Lucas 10:27.)

“Devemos compreender que o privilégio de trabalhar é um dom, que o poder do trabalho é uma bênção e que o amor ao trabalho é sucesso.”

David O. McKay

Depois de uma recente viagem pela missão na Indonésia, quando visitei os missionários e os santos na ilha de Java, tive que tomar um avião pela manhã com destino a Singapura, e saí do hotel mais ou menos às 6 horas. Tomei um táxi que estava parado perto do hotel e disse ao motorista que fosse para o aeroporto internacional, mas, aí de mim, seu carro estava sem partida. Aparentemente a bateria estava descarregada.

Bem, o que se faz num caso desses?

Calculei que provavelmente levaria muito tempo para descarregar minha bagagem e encontrar um outro táxi, e também me ocorreu que o motorista estava tentando de todo jeito ganhar o suficiente para sustentar sua família, e que ficaria muito desapontado se não pudesse ganhar o bom dinheiro cobrado por uma corrida de meia hora até o aeroporto.

Decidi fazer meus exercícios matinais empurrando o táxi, deixando o chofer indonésio na direção, a fim de dar a par-

tida. Entretanto, ele superestimou muito a força física matinal de um holandês e soltou a debreagem do carro antes que eu tivesse podido dar ao carro a velocidade adequada. Como resultado, o carro parou bruscamente. Tentei novamente e, desta vez, o motor pegou e, roncando fortemente, o táxi começou a movimentar-se. Abri rapidamente a porta, saltei para dentro e lá estávamos, a caminho.

Uma hora e meia depois, quando subi no avião, a aeromoça que me cumprimentou à porta disse: "Estou surpresa de vê-lo aqui! O senhor é aquele que empurrou o táxi em frente do Hotel Borobudur esta manhã."

Ela contou, então, que todos os membros da tripulação haviam testemunhado

O Dia em que Empurrei um Táxi

Elder Jacob de Jager
Do Primeiro Quorum dos Setenta



a cena, da perua do aeroporto, que estava estacionada na porta lateral do hotel. Disse que, a caminho do aeroporto, haviam conversado muito sobre o que acontecera e imaginavam: "Que tipo de homem é esse? Se tem condição financeira para ficar no Hotel Borobudur, por que se daria ao trabalho de empurrar um táxi às seis horas da manhã?"

Pensei comigo: "Aqui está minha oportunidade de fazer o trabalho missionário!" Tirei um cartão de visitas de minha carteira e o estendi a ela, dizendo: "Nós, em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acreditamos em boas relações humanas."

Bem, para encurtar a história, a aeromoça disse-me que na realidade não era uma aeromoça, mas instrutora de serviços de voo da Cathay Pacific Airways e que estava a bordo deste voo para avaliar o trabalho de alguns alunos que havia ensinado na escola de treinamento de pessoal de bordo de Hong Kong. Isto me permitiu fazer mais uma observação a respeito da Igreja: "A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a maior instituição educativa no mundo atual. Pelo menos dois milhões de pessoas ensinam-se mutuamente todas as semanas com materiais de lições divinamente inspirados." Além disso, expliquei-lhe que grande parte de meu tempo é despendido ensinando missionários e membros da Igreja nas nove missões do Sudeste Asiático.

Ela comentou: "Então talvez o senhor seja o homem que estamos procurando — um viajante experimentado, com a capacidade de ensinar ao nosso pessoal como ser amigável com os clientes." Eu lhe disse que o faria com prazer e gratuitamente, quando quer que eles planejassem outro

curso inicial ou de recapitulação em Hong Kong e quando essas datas não interferissem com minhas outras designações da Igreja. Então pensei, ali mesmo: "Que oportunidade de ouro para fazer com que essas pessoas saibam o que faz com que os mórmons ajam dessa maneira!"

Quando retornei a Hong Kong, fui visitado pelo gerente de treinamento da linha aérea, que havia recebido um relatório da instrutora de serviços de voo. Marquei uma entrevista e passei algumas horas com ele, em seu escritório. Ele ficou muito impressionado com o trabalho e realizações da Igreja.

Estou certo de que poderei, no futuro, alcançar muitas almas, simplesmente por causa daquilo que o mundo observou quando viram a Igreja em ação numa manhã, bem cedo, em Jacarta, Indonésia.

Todos nós temos nossas oportunidades de realizar a obra missionária. As pessoas nos observam. É simplesmente uma questão de encontrar a maneira correta, na ocasião apropriada e no lugar propício para fazermos nossa abordagem.

Lembre-mos, novamente, de que "existem ainda muitos na terra... que só estão afastados da verdade por não saberem onde encontrá-la." (D&C 123:12.)

Esta Igreja foi, é e será sempre uma Igreja missionária. Não vamos pensar que a obra missionária só deve ser feita por missionários oficialmente chamados, mas aproveitemos toda oportunidade que surgir para proclamar o evangelho a nossos semelhantes.

O evangelho é verdadeiro. Jesus é o Cristo. Sua Igreja foi restaurada pelo Profeta Joseph Smith. Compartilhemos esta mensagem gloriosa através de todos os meios disponíveis e respeitáveis!

O trabalho árduo é a melhor maneira de sobrepujar a monotonia e o desapontamento.



Fora longa a espera na estação rodoviária, e ficamos satisfeitos quando, finalmente, embarcamos. Vi dois assentos vagos e decidi que meu marido e eu os podíamos ocupar, viajando sentados, confortavelmente, de Cedar City até Lago Salgado, Utah. Sentíamos-nos muito bem, após havermos visitado meu irmão, antes de sua partida para o campo missionário.

Mas, ao percorrermos o corredor, uma senhora que estava à nossa frente sentou-se no lugar que eu havia escolhido. Assim, apertamo-nos por entre os outros ocupantes do ônibus que colocavam a bagagem nos bagageiros, e meu marido sentou-se em um banco perto da janela, um pouco atrás. Sentindo-se temporariamente livre dos afazeres universitários, tomou seu exemplar de um romance, apoiou os pés e se esticou o melhor que pôde, em uma posição de leitura relativamente confortável. Nesse meio tempo, no assento do corredor ao seu lado, eu examinava os arredores.

A nossa frente, encontravam-se duas mocinhas; do lado oposto, o irmãozinho delas e a mãe.

“Essa deve ser uma família mórmon”, imaginei. Eu havia, de certa forma, concluído que todo mundo em Utah era SUD, ou, pelo menos, estava familiarizado com

a Igreja, desde que deixara Reno, no estado de Nevada, minha cidade natal. Mas, na última conferência de estaca, havia mudado meu modo de pensar. O tema havia sido o trabalho missionário. Um dos oradores disse que muitas pessoas estão sendo guiadas a Utah, a fim de ouvir o evangelho. Um outro indicou que alguns não-membros que moram em comunidades com uma grande população de santos dos últimos dias, nunca aprendem a respeito da Igreja, porque todos esperam que algum outro lhes pregue a verdade.

Com o meu irmão mais jovem partindo para servir ao Senhor na Suíça, eu já estivera pensando na obra missionária. Mas os discursos da conferência haviam reforçado meu conhecimento da responsabilidade pessoal de prestar meu testemunho àqueles que estavam à minha volta. Até me sentira inclinada, enquanto arrumava as malas para esta viagem, a colocar um exemplar do Livro de Mórmon em minha bagagem, mas ignorara o impulso. Mudei um pouco de posição e olhei pelo corredor. Duas outras crianças, obviamente irmão e irmã, estavam batilhando para ver quem ficava mais perto da janela. Sua mãe estava deitada nas duas poltronas de trás, tentando dormir.

“Esta vai ser uma longa viagem”, mur-

Um Ônibus cheio de Estranhos

Elise Richins

murei para mim mesma, e, decidindo-me a ignorar todo o resto, peguei uma de minhas revistas. Abri-a em uma história sobre certo homem que fala com as pessoas aonde quer que esteja viajando e os métodos que usa para conseguir amigos. Disse ele que a amizade nunca está mais longe do que a pessoa que se encontra ao seu lado. Minha consciência sentiu uma ferroada. Provavelmente, a maioria das pessoas que estavam naquele ônibus desejavam ser amistosas, da mesma forma que eu, mas eram muito tímidas para iniciar uma conversa. Eu terei de fazê-lo, pensei. Reuni minha coragem, reforçando-a com bocados e fragmentos lembrados da lição da Sociedade de Socorro da semana passada, sobre confraternização.

Eu estava com medo do ônibus cheio de estranhos, mas havia trabalhado com crianças durante anos. Talvez pudesse começar confraternizando-me com as duas crianças entediadas no outro lado do corredor. Encontrei um pedaço de linha grossa em minha bolsa, cortei-o e o amarelei. Então, debrucei-me no espaço entre o assento do garoto e o meu (ele estava do lado do corredor, assim não deve ter acompanhado meus movimentos.) Pergun-

tei-lhe se sabia brincar com joguinhos de barbante, levantando o fio, para formar desenhos em meus dedos. Embora ele só soubesse "mais ou menos", pareceu ficar feliz por livrar-se do tédio e logo estava-mos passando o fio de mão para mão com entusiasmo.

Então, chegamos a um desenho desafiador e compreendi que eu também só compreendia "mais ou menos" a complexidade de desenhos feitos com fio de linha. A moça que estava à nossa frente virou-se para oferecer ajuda e a irmã dela também começou a participar. Logo a irmã do garoto também estava observando, embora inicialmente tentasse esconder o interesse.

Em um instante, nós todos já nos havíamos apresentado. Jeanette (mais tarde descobri que ela era SUD) estava ajudando John (um não-membro) a fazer outra brincadeira com linha, e assim cortei mais fios e os distribuí. Conversamos e nos divertimos, éramos amigos em vez de estranhos. John disse que ele e sua irmã, April, estavam viajando de Las Vegas a Nova York, a fim de visitar parentes.

Quando o pessoal começou a cansar-se das brincadeiras com linha, tentamos um novo passatempo, o jogo do "Adivinhe que Animal Eu Sou". Comecei o jogo escolhendo mentalmente um animal e as pessoas faziam perguntas que podiam ser respondidas com sim ou não, a fim de revelar minha identidade. Suzanne conseguiu descobrir; assim, foi a próxima a escolher um animal. Descobrimos, finalmente, que ele era um canguru. Ela disse que escolhera esse animal porque seu irmão acabara de receber um chamado missionário para a Austrália.

"Ela está tentando fazer a mesma coisa que eu!" exclamou meu pensamento. Aqui estava uma aliada, outra pessoa com o espírito missionário ajudando na confraternização e falando a respeito da Igreja

antes que eu o fizesse. Ou, talvez pensasse que eu fosse um não-membro e estivesse tentando interessar-me no evangelho. Mencionei que meu irmão também partiria brevemente para a missão. John obviamente não sabia o que era uma missão, mas sabia que era sua vez de escolher um animal. O jogo continuou.

“Bem, essa oportunidade já se foi”, pensei comigo. Mas sabia também que era uma viagem de cinco horas e que surgiriam outras oportunidades. “Podemos integrá-lo um pouco mais, primeiro”, pensei. Em poucos minutos estávamos nos divertindo tanto no ônibus que os outros começaram a observar. Um homem que se encontrava bem na frente virou-se e ficou prestando atenção ao jogo de adivinhações, apreciando o entusiasmo no fundo do veículo.

Os três não-membros, John, April e sua mãe, pareciam gostar muito do jogo. As duas crianças continuavam tentando escolher novos animais difíceis de serem adivinhados e sua mãe ocasionalmente olhava por cima do encosto do assento e sorria. Brincamos por bastante tempo e até mesmo o irmãozinho de Jeanette e Suzanne, Ralph, disse algumas graças que fizeram rir a todos.

Era a vez de April novamente. Ela era um ursinho “Koala” e outra vez falamos sobre a Austrália. “Mais uma oportunidade de falar sobre o evangelho está-se aproximando, cochichou minha consciência. Todos estavam cansados da brincadeira e a ocasião parecia propícia: “Vamos, Suzanne, comece a falar”, repeti para mim mesma, sabendo durante todo o tempo que ela já havia tentado e, portanto, era minha vez de apresentar o evangelho a meus amigos.

“Não posso! As pessoas estão ouvindo!” Meus pensamentos voavam enquanto eu tentava falar. Então meus pensa-

mentos se modificaram. “Que grande oportunidade. Vou começar e então Suzanne me ajudará, ou, melhor ainda, meu marido, o ex-missionário, se levantará e fará um bonito sermão, e todos do ônibus se apressarão a ouvir as palestras missionárias, quando chegarem a seu destino.”

Reuni os poucos pedaços dispersos de minha coragem e comecei. Visto que John e April iam para Nova York, perguntei-lhes se já tinham visto o Monte Cumorah. Nem tinham ouvido falar nele. “Muito bem, Phillip, você lhes fala a este respeito”, pensei, olhando para meu marido. Nenhuma ajuda me veio daquele lado. Ele ainda estava lendo seu romance. Suzanne também estava em silêncio. Eu tinha que fazer tudo sozinha.

Falei-lhes sobre Morôni e Joseph Smith. Mostrei-lhes minhas obras-padrão encadernadas e deixei que lessem o título: O Livro de Mórmon. Disse-lhes quem fora Mórmon e um pouco sobre quem eram as pessoas chamadas “mórmons”. Contei-lhes, então, a história de Joseph Smith. Foi muito mais fácil do que eu pensara; simplesmente contar uma história às crianças com as quais tivera contato. Os outros passageiros também estavam ouvindo, particularmente a mãe de John e April. Quando terminei, John perguntou: “Mas como é que sabemos se é verdade?” Estava realmente emocionada e satisfeita em dizer-lhe que poderíamos encontrar uma resposta usando o mesmo método que Joseph Smith — perguntar ao Pai Celestial. Então tivemos um breve debate sobre oração. Quando olhei para meu marido, ele estava sorrindo para mim. Ele soubera, o tempo todo, o que eu estivera fazendo.

Tudo parecia estar acontecendo muito facilmente. Ao passarmos por Provo, mostramos o templo aos nossos pesquisadores, e Suzanne prometeu mostrar-lhes o Templo de Lago Salgado e a estátua de

Morôni quando entrassem na cidade (meu marido e eu desceríamos um ponto antes.) Eles pareciam tão emocionados quanto nós.

Fizemos uma parada de dez minutos, para descanso, em Provo. Fiz uma oração rápida e silenciosa: "Por favor, eu preciso de um exemplar missionário do Livro de Mórmon." Pedindo licença, saí rapidamente do ônibus e comecei a procurar, na estação, um lugar onde vendessem livros. Não havia banca! Mas, na caixa de correspondência do balcão do correio, alguém havia deixado um exemplar esfarapado, azul brilhante como o que eu havia deixado em casa, embora um tanto virado nas pontas. Quase implorei ao homem do balcão que me deixasse comprá-lo, mas ele mo deu e então ficou-me olhando, enquanto eu tomava novamente o ônibus.

Escrevi uma breve dedicatória aos meus novos amigos, dentro do livro querido. Então, Jeanette, Suzanne e eu assinamos e escrevemos nossos endereços. O pequeno Ralph, de cinco anos, pediu para assinar também, dizendo que algum dia, quando crescesse, também faria uma missão. As garotas embrulharam nosso presente e desenharam no pacote algumas gravuras, com os lápis de cor que encontrei em minha bolsa.

Tentamos fazê-lo rápida e sutilmente, mas estávamos apenas começando, quando o tempo da parada terminou e John e April voltaram para o ônibus com sua mãe. Imediatamente, sua curiosidade foi despertada; assim, expliquei que as garotas estavam preparando uma surpresa para alguém especial. Eles foram para trás, para seus lugares, parecendo desapontados por não terem sido incluídos. Conversei um pouco com eles, perguntando-lhes quais eram suas cores prediletas, para ajudar as garotas que estavam enfeitando o embrulho.

As meninas amarraram o pacote com a mesma linha que havíamos usado para iniciar a amizade com os pesquisadores. Apresentamos o presente em grupo. John e April estamparam no rosto a sua satisfação. Sua mãe ficou verdadeiramente impressionada. Agora tinham seu próprio exemplar da história das placas de ouro!

Eu não havia até então notado que o ônibus já estava chegando à nossa parada. Só se haviam passado alguns minutos desde o momento em que tínhamos ofertado o livro. A esperada "longa viagem" parecera curta demais para conseguirmos os sentimentos calorosos que estavam começando a aquecer meu coração. Senti-me bem e o mesmo aconteceu com meus amigos missionários. Sabíamos haver preparado o terreno e plantado a semente e tínhamos agora que nos despedir felizes e esperançosos, embora também estivéssemos tristes.

Meu marido e eu acenamos para os outros, quando o ônibus se afastou. Não pude deixar de imaginar John, April, sua mãe e pai vestidos de branco e esperando para entrar nas águas do batismo. Espero que algum dia eles se tornem membros da Igreja. Quando o fizerem, sei que sentirei calor no coração e felicidade por desejar que o Espírito me guiasse para fazer a obra missionária em uma viagem de ônibus. Na próxima vez, colocarei um Livro de Mórmon na bagagem antes de sairmos!





A qualquer custo, guardem os Mandamentos

Elder Gene R. Cook
Do Primeiro Quorum dos Setenta

Quando eu era jovem, pensava sobre a importância de se guardar os mandamentos do Senhor. Por exemplo, imaginava se o Senhor realmente precisava de meus dízimos, visto que ganhava tão pouco. Às vezes também me surpreendia perguntando-me qual era a importância de se guardar o dia santificado. É claro que, mais tarde, vim a compreender que ele não precisava nem de minha obediência nem de meu dinheiro, tanto quanto eu precisava seguir aquelas leis, a fim de receber o crescimento e bênçãos espirituais que advêm de se guardar os mandamentos do Senhor.

Com 11 anos, tentei conseguir meu primeiro emprego entregando jornais. Eu acabara de fazer 11 anos e ainda precisava de um ano inteiro antes de chegar aos 12, idade exigida para os entregadores de jornais. No início, foi difícil convencer o homem de que alguém tão jovem pudesse ser realmente um trabalhador eficiente, mas, com a ajuda de meu pai, convenci-o a deixar-me tentar.

O Senhor realmente me abençoou, pois pude realizar com eficácia aquele importante trabalho. Para mim, foi um trabalho importante, porque aprendi, desde cedo, a ganhar e ser responsável pelo dinheiro, como lidar com tipos diferentes de pessoas e como vender assinaturas do jornal. Um décimo de minha renda era sempre pago de boa vontade ao Senhor, como dízimo.

Aos dezesseis anos, depois de entregar jornais durante cinco anos, fiquei um tanto surpreso quando o gerente de circulação me pediu que fosse gerente-adjunto e que supervisionasse todos os entregadores de jornal da cidade. Era uma grande honra, devido à minha pouca idade, e eu me lembro de como fiquei agradecido ao Senhor. Senti que era uma bênção direta do Senhor, permitindo-me crescer e obter maior desenvolvimento.

Trabalhei como gerente-adjunto por quase dois anos, e nunca me esquecerei do grande desafio que então me surgiu. Eu estivera pagando o dízimo regular-

mente durante esse tempo e certamente acreditava no princípio, mas não possuía um testemunho tão forte dele quanto o que iria obter.

Certa tarde de sábado, depois de terminar o trabalho, o gerente me disse que, a partir do domingo da próxima semana, eu teria que trabalhar todos os domingos, pela manhã. O gerente era um membro inativo da Igreja na ocasião, e sabia que eu não reagiria favoravelmente àquela notícia. Mas, acrescentou rapidamente que, embora eu fosse perder a reunião do sacerdócio e a Escola Dominical, poderia encontrar alguma outra maneira de frequentar as reuniões, e assim, não seria uma coisa tão séria. Ele procurou então tentar-me, dizendo que meu salário seria aumentado em 30 por cento, achando que isso poderia mudar meus sentimentos relativos ao trabalho no dia santificado.

Lembro-me de como aquelas palavras atingiram com força o meu coração, mas também me recorde de minha resposta: "Estou absolutamente certo de que não poderei trabalhar no domingo."

"Bem", disse ele, "você precisará trabalhar no domingo ou terei que encontrar outro gerente-adjunto."

Naquele dia, saí do escritório bem triste. Lembro-me de haver perguntado ao Senhor por que deveria perder o emprego por causa da Igreja. Eu estivera trabalhando muito, a fim de economizar dinheiro para me sustentar em uma missão, e agora ia perder o emprego, a menos que desejasse trabalhar no domingo.

Falei com meu pai e lhe pedi seu conselho, e tudo o que ele me disse foi: "Estou certo de que você fará o que é correto, seja o que for." Tinha que tomar minha própria decisão. Fui envolvido pelo sentimento de que não havia meios de resolver este problema, a não ser que fosse procurando saber o que o Senhor queria que eu fizesse.

No sábado seguinte, avisei ao gerente que não trabalharia no domingo. Ele me informou que, visto ser esta a minha escolha, eu tinha uma semana, não mais como gerente-adjunto, e então seria substituído por um outro rapaz que estava "realmente desejando trabalhar."

Naquele dia, saí do trabalho sentindo-me muito infeliz, compreendendo que, em cinco ou seis dias, estaria sem emprego. Dentro de mais um ano, eu iria para a missão, e ainda não tinha fundos suficientes para me sustentar. Naquela semana, orei muito.

Os dias seguintes, no serviço, pareciam muito compridos e poucas palavras trocamos, meu patrão e eu. Esperei pelo sábado seguinte, que deveria ser meu último dia de trabalho.

Finalmente chegou a sexta-feira. Quando estava terminando o trabalho naquele dia, o gerente aproximou-se de mim e disse, um tanto emocionado: "Gene, você está certo naquilo que está fazendo, e eu estou errado querendo que trabalhe no domingo. Encontrei um rapaz de outra religião que deseja trabalhar no domingo, mas ainda quero que você seja meu gerente-adjunto. E, a propósito, você receberá aquele aumento de 30 por cento de qualquer modo, embora não vá trabalhar no dia santificado. Você é um ótimo rapaz."

Nunca me esquecerei do sentimento de gratidão que me invadiu naquele momento. Também nunca me esquecerei do que senti naquele mês, quando paguei mais do que um dízimo honesto e cumpri fielmente minhas responsabilidades no domingo.

O Senhor derramará as bênçãos do céu sobre um homem, até mesmo um menino, e lhe ensinará no coração tanto o valor do pagamento do dízimo do que ganha, como o valor de se guardar o dia santificado. Vale a pena guardar os mandamentos do Senhor, a qualquer preço.

Persistência é um pré-requisito para o sucesso.

(Anônimo)

Clássicos dos Profetas dos Últimos Dias

Harold Bingham Lee, o décimo-primeiro Presidente da Igreja, nasceu a 28 de março de 1899, em Clifton, Idaho, E.U.A., filho de Samuel Marion Lee e Louisa Emeline Bingham. Foi ordenado Apóstolo em 10 de abril de 1941, pelo Presidente Heber J. Grant e apoiado como Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos em 23 de janeiro de 1970. Também em 23 de janeiro de 1970, tornou-se Primeiro Conselheiro do Presidente Joseph Fielding Smith, com a idade de setenta anos. O Presidente Lee foi apoiado como Presidente da Igreja em 7 de julho de 1972, com a idade de setenta e três anos. Faleceu no dia 26 de dezembro de 1973, em Salt Lake City, com a idade de 74 anos.

Extraído de: **Stand Ye in Holy Places**, (Permanecei em Lugares Santos), Sermões e Escritos Seleccionados do Presidente Harold B. Lee, pp. 132-145.



A revelação e você

Presidente Harold B. Lee

O Elder John A. Widtsoe, do Conselho dos Doze, contou certa vez a respeito de uma conversa que tivera com um grupo de oficiais de estaca. Durante o debate, alguém lhe perguntou: “Irmão Widtsoe, quanto tempo já se passou desde que a Igreja recebeu uma revelação?” O Irmão Widtsoe coçou o queixo, circunspecto, e disse em resposta: “Oh, provavelmente desde a última quinta-feira.” (O Irmão Widtsoe referia-se, sem dúvida, à reunião da Primeira Presidência e do Quorum dos Doze que se realiza todas as quintas-feiras.)

Através das escrituras, esta frase é repetida constantemente: “Quem tem ouvidos para ouvir ouça.” (Mat. 11:15.) Nem todos nós somos tão abençoados a ponto de ouvir tudo o que devemos ouvir.

Certa feita, pouco antes da crucificação, o Mestre estava no templo, e os gregos vieram dentre o povo, ansiosos por vê-lo, devido ao fato de ele haver conseguido tanta notoriedade. Ali, naquele local que para ele era sagrado, o Mestre ajoelhou-se e orou, pedindo ao Senhor que fizesse passar essa hora, e então disse: “Pai, glorifica o teu nome.” A resposta veio: “Já

o tenho glorificado, e outra vez o glorificarei.” (João 12:28.) Algumas pessoas ouviram isso e disseram que havia sido um trovão; uns poucos declararam que um anjo do Senhor lhe havia falado. Como vêem, houve alguns que tiveram ouvidos para ouvir, mas não ouviram.

Recordam-se da ocasião em que o Apóstolo Paulo foi convertido; estava a caminho de Damasco com mandados que o autorizavam a continuar perseguindo os santos naquele lugar. Lembram-se de como foi atingido por uma luz brilhante que o cercou e cegou, e uma voz falou-lhe, do céu, dizendo: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (Atos 9:4.) E Paulo, contando a respeito do acontecimento, disse: “E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, ... mas não ouviram a voz daquele que falava comigo.” (Atos 22:9.) Esses também tinham ouvidos para ouvir, mas nada ouviram.

Alguns de nós não vivemos de maneira que possamos entender a mensagem que vem da eternidade quando Deus fala, mas, se cada um de nós pudesse comprometer-se a obedecer aos mandamentos de Deus e viver como deve, uma transformação maravilhosa se operaria em nós,

e poderíamos, então, ouvir as mensagens do mundo invisível.

Isto me foi ilustrado há alguns anos, quando eu servia como presidente de estaca.

“Tivemos um caso muito doloroso que precisou vir diante do sumo conselho e da presidência da estaca, resultando na excomunhão de um homem que havia feito mal a uma delicada jovem. Depois de uma reunião que tomou quase toda a noite, terminando com essa decisão, fui para o meu escritório bem cansado na manhã seguinte, tendo que me defrontar com um irmão do homem que havíamos julgado na noite anterior. Este homem disse: — Quero dizer-lhe que meu irmão não é culpado daquilo de que vocês o acusaram.

— Como você sabe que ele não é culpado? — Perguntei.

— Porque orei e o Senhor me disse que ele era inocente, — respondeu o homem. Convidei-o a entrar no meu escritório e nos sentamos. Então perguntei: — Você se incomodará, se eu lhe fizer algumas perguntas pessoais?

Ele respondeu: — É claro que não.

— Que idade você tem?

— Quarenta e sete anos.

— Que grau do sacerdócio possui?

Ele disse que pensava ser um mestre.

— Você guarda a Palavra de Sabedoria?

Disse ele: Bem, não. — Ele fumava, o que era óbvio.

— Você paga o dízimo?

Respondeu: — Não — e nem pretendia fazê-lo, enquanto aquele... fosse o bispo da Ala Trinta e Dois.

Disse eu: — Você assiste às suas reuniões do sacerdócio?

Ele respondeu: — Não, senhor! e não pretendia fazê-lo, enquanto aquele sujeito fosse o bispo.

— Também não assiste às reuniões sacramentais?

— Não, senhor.

— Você faz suas orações familiares?

Ele disse: — Não.

— Estuda as escrituras?

Ele disse que, bem, seus olhos estavam ruins e ele não podia ler muito.

Eu, então, lhe disse: — Tenho em minha casa um belo aparelho chamado rádio. Quando tudo está funcionando bem, podemos sintonizar determinada estação e ouvir um locutor ou a voz de um cantor lá do outro lado do continente, ou ainda, do outro lado do mundo, trazendo-os para a sala quase como se estivessem falando ali. Mas, depois de o termos usado durante muito tempo, há alguns pequenos instrumentos ou delicadas peças elétricas na parte interna, denominadas válvulas, que começam a se desgastar. Quando uma delas se desgasta, surge um tipo de estática — não se ouve tão claramente. Quando isto acontece com outra válvula, e se não dermos a devida atenção, o som começa a falhar, aumentando e diminuindo de intensidade... Se não dermos atenção a isto, e mais outra se gastar — bem, o rádio continuará ali, como antes, mas algo aconteceu na parte de dentro, e nada poderemos ouvir.

— Bem, — disse eu, — você e eu temos, dentro de nossa alma, algo comparável àquelas válvulas do rádio. Podemos ter aquilo que chamamos de válvula “Ir-à-reunião-sacramental”, válvula “Guardar-a-Palavra-de-Sabedoria”, válvula “Pagar-o-dízimo”, válvula “Orar em família”, válvula “Ler-as-Escrituras” e como uma das mais importantes, que pode ser considerada como a válvula principal de toda nossa alma, a válvula “Manter-se-Moralmente-Limpo.” Se uma delas se estraga por falta de uso ou não funciona — deixamos de guardar os mandamentos de Deus — isto tem o mesmo efeito sobre nosso ser espiritual, que as peças gastas do rádio de casa têm sobre a recepção que, se assim não fosse, poderíamos receber de longa distância.

— Ora, — disse eu, — quinze dos melhores homens da Estaca Pioneer oraram na noite passada. Ouviram a evidência e todos eles concordaram que seu irmão era culpado. Agora você, que não faz nenhuma dessas coisas, diz que orou, e obteve uma resposta contrária. Como explicaria isso?

Então esse homem deu uma resposta que classificaria como clássica. Disse: — Bem, Presidente Lee, creio que devo ter obtido minha resposta de uma fonte errada. — E vocês sabem que não existe verdade maior do que esta. Obtemos nossa resposta da fonte de poder a que decidimos dar obediência. Se estivermos guardando os mandamentos do demônio, obteremos a resposta do demônio. Se estivermos guardando os mandamentos de Deus, obteremos as respostas de nosso Pai Celestial para nossa orientação e diretriz.”

Ouvi um inspirado sermão na Universidade de Brigham Young, feito pelo Presidente J. Reuben Clark Jr., que analisou os vários tipos de revelações recebidas. Falou, primeiramente, de uma teofania, que definiu como uma experiência em que o Pai ou o Filho, ou ambos fazem uma aparição pessoal, ou falam ao homem diretamente. Moisés falou com o Senhor face a face; Daniel teve uma teofania, ou aparição pessoal. Quando o Mestre veio a João Batista, para receber o batismo, vocês devem lembrar-se de que uma voz falou dos céus e disse: “Este é o meu



“Tenho um coração crente que se iniciou com um simples testemunho que me adveio quando eu era criança... compreendi, então... que havia pessoas além de minha vista, pois eu efetivamente ouvira uma voz.”

Presidente Harold B. Lee

Harold B. Lee com aproximadamente cinco anos de idade.

Filho amado, em quem me comprazo.” (Mateus 3:17.) Quando da conversão de Paulo, à qual já me referi, houve também uma aparição pessoal e percebeu-se uma voz. Na transfiguração, quando Pedro, Tiago e João foram com o Mestre a uma alta montanha onde Moisés e Elias apareceram diante deles, novamente foi ouvida uma voz falando dos céus, dizendo: “Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo.” (Mateus 17:5.)

Talvez a maior de todas as teofanias de nosso tempo tenha sido a aparição do Pai e do Filho ao Profeta Joseph Smith, no bosque. Depois desta, houve várias aparições, uma das quais está registrada na seção 110 de Doutrina e Convênios,

quando o Salvador apareceu a Joseph e Oliver.

Tenho um coração crente que se iniciou com um simples testemunho que me adveio quando eu era criança. Estava com meu pai em uma fazenda afastada de minha casa, tentando achar o que fazer, até que meu pai estivesse pronto para ir embora. Do outro lado da cerca, existiam alguns antigos barracões que atraíam a atenção de qualquer garoto curioso, e eu era aventureiro. Comecei a subir na cerca e ouvi uma voz chamando-me pelo nome e dizendo: “Não vá ali!” Voltei-me para olhar meu pai e ver se estava falando comigo, mas ele estava longe, na outra extremidade do campo. Não

havia ninguém à vista. Compreendi, então, como criança, que havia pessoas além de minha vista, pois eu efetivamente ouvira uma voz. Outra maneira pela qual recebemos revelação é a explicada pelo profeta Enos. Depois de haver recebido a grande responsabilidade de continuar a obra e fazer os registros, ele anota a seguinte declaração em seu registro no Livro de Mórmon: “E enquanto estava assim lutando em espírito, eis que a voz do Senhor veio de novo à minha mente. (Enos 10.) Em outras palavras, às vezes ouvimos a voz do Senhor em nossa mente, e quando isto acontece, as impressões que recebemos são tão fortes, como se ele estivesse falando com uma trombeta em nosso ouvido. . . Gostaria de prestar meu humilde testemunho, se me dão licença, sobre esta verdade. Certa vez, coloquei-me numa situação que requeria ajuda. O Senhor sabia que eu precisava de auxílio, e eu estava numa missão muito importante. Acordei cedo, como se alguém me tivesse despertado para corrigir o que eu pretendia fazer em contrário. E lá estava, na minha frente, um mapa claro (do que eu deveria fazer na manhã seguinte), de maneira tão real, como se alguém houvesse sentado à beira de minha cama e dito a mim o que fazer.

Também recebemos revelação pelo poder do Espírito Santo. O Senhor disse ao Profeta Joseph Smith, nos primeiros dias da Igreja: “Sim, eis que eu falarei à tua mente e ao teu coração, pelo Espírito Santo, que virá sobre ti e habitará em teu coração. Agora, eis que este é o espírito de revelação.” (D&C 8:2-3.) O Profeta Joseph Smith disse: “Nenhum homem pode obter o Espírito Santo sem receber revelações — o Espírito Santo é um revelador.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 320.)

Gostaria de mudar as palavras e acentuá-las aos santos dos últimos dias, dizendo: qualquer santo dos últimos dias que tenha sido batizado e sobre cuja cabeça tenham sido impostas as mãos dos oficiantes, ordenando-lhe que receba o Espírito Santo, e que não tenha recebido

uma revelação do Espírito Santo, não recebeu o dom do Espírito Santo ao qual tem direito. Aí está um assunto muito importante. Deixem-me citar o que disse o Profeta Joseph Smith a respeito de revelação:

“Uma pessoa poderá beneficiar-se, se percebe o primeiro embate do espírito de revelação. Por exemplo, quando sentis que a inteligência pura flui para vós, podereis, repentinamente, ser despertados por uma corrente de idéias, de modo que por atendê-lo, vereis que se cumprem no mesmo dia ou pouco depois; (isto é) verificareis as coisas que o Espírito de Deus revelou à vossa mente; e assim, por conhecer e aceitar o Espírito de Deus, podereis crescer no princípio da revelação até que chegue a ser perfeita em Cristo Jesus.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 146-147.)

Sobre que assuntos você pode receber revelação? Será que lhe causa surpresa ouvir que — tanto você como todos os membros da Igreja que receberam o Espírito Santo — podem receber revelação? Não para o presidente da Igreja, não sobre como cuidar dos assuntos relativos à ala, à estaca, ou à missão na qual você vive; mas toda pessoa, dentro de sua área de responsabilidade, tem o direito de receber revelações pelo Espírito Santo.

Todo homem tem o privilégio de exercer esses dons e esses privilégios para cuidar de seus próprios assuntos; para educar seus filhos da maneira que eles devem ser; para administrar seus negócios ou o que quer que faça. É seu direito de gozar do espírito de revelação e de inspiração para fazer as coisas corretas, para ser sábio e prudente, justo e bom em tudo o que faz. Sei que este é um princípio verdadeiro e que é aquilo que gostaria de que os santos dos últimos dias soubessem. Então, todos nós devemos tentar esforçar-nos, atentar e obedecer às idéias súbitas que se nos assomam, e se lhes obedecermos e desenvolvermos a capacidade de ouvir esses influxos, nós também — cada um de nós — poderemos crescer no espírito de revelação.

Bem, existe mais um meio pelo qual pode vir a revelação e este é através de sonhos. Oh, não lhes vou dizer que todos os seus sonhos são uma revelação direta do Senhor, mas temo que existem aqueles de nós prontos a menosprezar todos os sonhos e dizer que não têm propósito algum. No entanto, através de toda a escritura, estão registrados acontecimentos onde o Senhor, através de sonhos, dirigiu o seu povo.

Vejamos o que Parley P. Pratt tem a dizer sobre o assunto:

“Em todas as eras e dispensações, Deus tem revelado muitas instruções e advertências importantes aos homens por meio de sonhos. Quando a mente consciente e os sentidos físicos são liberados de sua atividade, os nervos ficam relaxados e o homem dorme; é então que os sentidos espirituais ficam com certo grau de liberdade para assumir suas funções, recordar algum tênue esquema, algumas lembranças confusas e meio-definidas daquele mundo celestial, e aquelas cenas queridas de seu estado anterior.” Os espíritos de seus parentes flutuam à sua volta cheios de afeição, com a mais ansiosa solicitude. Espíritos comungam com o espírito, pensamento encontra pensamento, a alma se amalgama à alma, em todo o enlevo de amor mútuo puro e eterno. Nesta situação, os órgãos espirituais (e se pudéssemos ver nossos espíritos, saberíamos que eles têm olhos para ver, ouvidos para ouvir, língua para falar, e assim por diante) podem conversar com a Deidade, ou ter comunhão com os anjos e com os espíritos de homens justos e perfeitos.” Se aprendermos a não ser tão sofisticados a ponto de afastarmos a possibilidade de impressões daqueles que estão além da vista, então nós também poderemos ter um sonho que nos possa dirigir com uma revelação.

As revelações de Deus são os padrões através dos quais medimos todo o aprendizado e, se alguma coisa não concordar com as revelações, então, poderemos estar certos de que não é verdade.

Chego-me a vocês como alguém que se assenta em companhia de homens que

vivem perto de seu Pai Celestial. Tenho observado chegarem assuntos diante da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze, nas nossas reuniões semanais, em que se tomaram decisões que não foram baseadas no raciocínio, mas sim em uma impressão que, após a decisão, descobriu-se ter sido uma direttriz enviada dos céus para proteger e guiar.

Depois de haver sido tomada uma importante decisão, é algo emocionante ouvir o presidente da Igreja dizer: “Irmãos, o Senhor falou.”

Todos nós deveríamos esforçar-nos para viver de tal modo, obedecendo aos man-



Harold B. Lee iniciou-se na vida profissional como educador — aqui, com dezenove anos, ele já havia servido durante dois anos como diretor de uma escola primária em Idaho, E.U.A.

damentos do Senhor, que ele possa responder a nossas orações. Se vivermos dignamente, então o Senhor nos guiará — através de uma aparição pessoal, ou por sua própria voz, ou através de suas palavras vindo à nossa mente, ou pelas impressões sobre nosso coração e nossa alma. E, oh, como devemos ficar agradecidos, se o Senhor nos enviar um sonho em que sejam reveladas para nós as belezas da eternidade, ou uma advertência e orientação para nosso conforto especial. Sim, se assim vivermos, o Senhor nos guiará para nossa salvação e para nosso benefício.

Quero prestar-lhes meu humilde testemunho de que tenho recebido pela voz e poder da revelação, o conhecimento e uma compreensão de que Deus existe.

Numa semana, depois de uma confidência, quando eu estava preparando um discurso radiofônico sobre a vida do Salvador, li novamente a história de sua vida, crucificação e ressurreição, e veio-me um testemunho, uma realidade quanto a ele. Era muito mais do que se encontrava na página escrita, pois em verdade, vi-me observando as cenas com tanta certeza, quanto se eu tivesse estado lá pessoalmente. Sei que essas coisas vêm através de revelações do Deus vivente.

Presto-lhes meu solene testemunho de que a Igreja é guiada atualmente por revelação. Todas as almas a ela pertencentes que foram abençoadas para receberem o Espírito Santo, podem obter revelações. Que Deus nos ajude, a vocês e a mim, para que sempre vivamos de modo que o Senhor possa responder às orações dos fiéis por nosso intermédio.

Discurso proferido ao Corpo Discente da Universidade de Brigham Young, no dia 15 de outubro de 1952.

Aquelas Pessoas Chamadas Mórmons

Revista United Presbyterian

O crescimento do mormonismo assombra qualquer pessoa que examine o assunto. Aqui está como o modelo de expansão do número de membros da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (o nome correto dos mórmons) apareceu no registro:

1830: 30 membros;
1900: 268 000 membros;
1920: 526 000 membros;
1940: 862 000 membros;
1964: 2 milhões de membros;
1978: 4 milhões de membros;
2000: 8 milhões de membros (estimado)

Um exame das razões desta crescente ascensão do número de mórmons leva imediatamente a atenção para dois dos aspectos mais importantes de sua vida e crenças. A primeira, os mórmons centralizam-se na família — encorajando as mulheres a ter grande número de filhos e a desprezar o aborto, e encorajando os pais a encarar o sustento da família como a mais alta responsabilidade após o sacerdócio.

Os mórmons também são evangélicos, no sentido amplo do termo, sustentando quase 30 000 missionários nos últimos anos, espalhando-os em todos os continentes...

(Publicado em *Church News* de 15 de dezembro de 1979.)

TRABALHO : SATISFAÇÃO E ISOLAMENTO CONTRA CHOQUES

RICHARD L. EVANS

Ao vivermos com nós mesmos, e aprendermos a viver com a vida, constatamos que o trabalho é uma das fontes mais seguras de satisfação e um dos métodos mais seguros de isolamento contra choques. O trabalho desgasta menos e é muito menos cansativo do que a preocupação, e na maioria das vezes, não é tanto o trabalho que se tem, mas a tensão a que se submete tentando trabalhar, que é responsável pelo desgaste. Tensão é a frustração de não utilizar a vida de modo que esta nos proporcione paz interior e satisfação duradoura.

O trabalho é uma lei básica da vida. O Senhor Deus assim o disse. Portanto, espera-se de nós o uso da inteligência e dos talentos, dos poderes criativos e produtivos da mente e dos músculos. Sem a dignidade do trabalho, sem o sentimento de ser útil e de alcançar objetivos, o homem provavelmente se deteriorará, provavelmente perderá parte de seu auto-respeito e o sentimento de ser uma parte contribuinte.

Afinal de contas, nós todos devemos uma espécie de aluguel, se é que assim se pode chamar, ou pelo menos certa obrigação, pelo espaço que ocupamos na terra, pela residência ou posse que temos aqui, pela beleza, o sustento e o privilégio de viver a existência.

Pelo fato de estarmos vivos, temos a responsabilidade de estudar, aprender, trabalhar, desenvolver, contribuir, servir, melhorar, pagar uma dívida ao passado, pagar por estarmos aqui no presente e de contribuir com algo para o futuro.

E há o desperdício; desperdício de tempo, desperdício de talento, de energia e de esforço; desperdício de vida e descontentamento que vem da ausência de trabalho voluntário e útil. O Senhor Deus nos deixou o exemplo de sua própria atividade criadora, e há evidência abundante na natureza e no universo de um processo criativo produtivo, constante e dinâmico.

O trabalho voluntário e útil, não o trabalho relutante, é uma fonte de poder construtivo, fortalecedor e curativo. "Trabalho", disse Thomas Carlyle, "é a cura para todas as doenças e misérias que afligem a humanidade, trabalho honesto, que é realizado com prazer". "Abençoado seja todo aquele que encontrou trabalho; ..." porque o trabalho é uma das satisfações mais certas na vida e um de seus métodos mais seguros de isolamento contra choques.



